VIDA

ETHEREA

1. Poetry (   )

Na espiritualidade da alvorada
D'um novo e santo amor,
Paira, como uma nevoa deslumbrada,
Meu coração em flor.
Elle vive da brisa etherea e pura,
D'esse halito d'amor que o céo respira,
Quando a terra floresce de ternura
E quando a luz, Apollo, é o som da tua lyra.
Oh apollinea vox! Aureo clarão!
Oh luz, divino canto de delirio!
Ouvindo-te, estremece a terra de emoção
E em homem se traduz e crystalisa em lyrio.
Sêr humano, tu és um sentimento
Phantastico do mundo!
Um desejo de Deus, um extasi do vento,
Religiosa aspiração do mar profundo...
Sómente a terra sabe em almas transformar

O seu proprio sentir mysterioso.
A rosa é uma ideia, a chamma um anciar,
A nevoa elevação de espirito amoroso.
E, sempre que medito
No murmurio que sáe dos bosques inspirados,
Surprehendo da vida e do infinito
Aspectos que jamais nos foram revelados.
É um teu estado d'alma, oh Terra, cada sêr.
Teu ventre omnipotente
Concebe um Deus depois de conceber
O lobo que devora e a flor que sente!
A Terra é noite e luz,
É crueldade e paz.
O tigre é irmão da pomba, o berço irmão da cruz,
E vós, anjos do céo, irmãos de Satanaz!
Brilha dentro do verme o sol doirado.
Quem sabe distinguir a lagrima do riso?

Porque deu flor e fructo a arvore do Peccado
Na innocencia infantil do Paraizo?
Oh Terra maternal,
Trazes ao collo o manso cordeirinho,
A serpente e o chacal:
És antro tenebroso e luminoso ninho!

E n'este cahos sem fim da Natureza,
Estranho turbilhão d'espiritos diversos,
De raivas e d'amor, minha alma reza,
Na visão aureoral de santos Universos!...
Paira sobre os tumultos sanguinarios,
Sobre os montes hostis, onde troveja e neva;
Paira sobre a tragedia dos Calvarios,
Suas azas de luz agitam-se na Treva!

Paira sobre as catastrophes terriveis,
Paira sobre os desertos e a miseria,
Sobre os crimes horrendos, desprexiveis,
N'um desejo de luz, n'uma anciedade etherea!
Paira n'um sonho mystico d'encanto,
Inefavel, divino...
No delirio do poeta e no enlevo do Santo,
Na embriaguez da Sybilla em face do Destino...
Paira n'um vôo sagrado d'harmonia,
N'um extasi profundo...
Assim a luz do dia
Paira sobre a miseria e a escuridão do mundo.

APOLLO

Dos fumos da Distancia,
Ethereos e azulados,
Surge, vertiginoso,
Um resplendor de chamma...
Ha fogueiras a arder,
Nos longes magoados...
Dir-se-ha que o nosso olhar tudo o que toca, inflamma!

Vejo o Planeta a arder
No fogo de Delirio
Que, ao apagar-se, é pedra,
É homem e arvoredo.
Vejo um clarão no Azul,
Que, em ermo valle, é lyrio,
Vejo um raio tomar a forma d'um rocheado...

Vejo o incendio de tudo;
E sinto o grande Sol
Crepitar no meu sangue,
Arder dentro de mim,
Fulgir n'um tronco em flor,
Na voz do rouxinol,
Dorramar-se, na terra, em lagrimas sem fim!

Concentro-me na luz,
Subo na claridade
Que a imagem d'este mundo
Aos outros mundos leva.
E vejo bem que desço
A uma profundidade,
Quando, livido, sinto o despenhar da Treva!

Só quando nasce o sol
Minh'alma sobe á Vida,
Meu sêr adquire forma
E fica harmonioso.
Tudo apaga e destroe
A noite indefinida...
A noite é o teu silencio, Apollo explendoroso!

A noite é a tua lyra
Eterna que emudece.
A luz é o som divino
E puro que ella exhala.
Ouvindo-o, na campina,
O trigo amadurece,
O lyrio ri, a pedra canta, a agua falla.

Tenho um ouvido estranho,
Ideal que sabe ouvir
Tua eterna canção
De esperança e alegria.
Meu sonho de poeta,
Apollo, é traduzir
Teu cantico de luz que os mundos extasia!...

CYBELE

Como fluidica chuva, a noite cáe dos céos.
Surge o negro Satan, desaparece Deus...
Apaga-se a harmonia; esváe-se a voz e a chamma;
E a cinza do silencio o Zephyro derrama
Na paizagem que tem visões de claridade.
Vê-se o espectro do sol errar na imensidade.
Quando nasce o luar, as fontes emudecem.
Vegetações de sonho os campos enverdecem...
Intima comoção sensibilisa os marmores,
Espiritos astraes alvejam entre as arvores.
Uma vida ideal, chimerica, deslumbra
As distancias de nevoa e os fundos de penumbra...
Chovem almas da bruma animica da luz.
Palpita no luar a alma de Jesus.
Virgilio anda no céo dorido do sol-pôr
E Pan vive no sol que crystalisa em flor.

Venus nasce da espuma alvissima do mar,
E vejo, em volta d'ella, as Graças a cantar!
Um halito d'abril o espaço aromatisa.
O subito calor d'um beijo, faz a brisa,
Dilata suavemente o ar que se enternece...
Venus sorri no Olympo e a terra reverdece.
Que riso alegre nimba as cousas inocentes!
Germinam, com prazer, nas leivas as sementes.
A semente é uma vida obscura, concentrada
Que, á voz do sol, se expande em arvore sagrada!
Um cofre onde se occulta a vida mysteriosa,
Que, em extasi, abre a luz, a Psyché radiosa!
O rio ergue-se em nevoa, espectro fugitivo
D'uma Nympha que avista um Satyro lascivo...
É cada lago azul, Diana, um teu espelho.
Os sêres atravessa um fremito vermelho,
Um raio de desejo intenso que illumina
O ventre a estremecer na concepção divina!
Sobre os montes ondula um lacteo mar de bruma,
Desenham-se na agua, aflorações d'espuma...
A nevoa é um perfume ethereo fecundado
Nas petalas da espuma, onde ha luar gelado.
Dá beijos de frescôr na face da Paizagem,
Nevoa umbrosa a sair das ondas da ramagem...
Verdes ondas que o vento agita com brandura.
Para as flores de maio o vento é só ternura.
Murmuram tão baixinho os rios, a fulgir

Que, ao pé d'elles, decerto, ha Nymphas a dormir!
As arvores sensuaes, ébrias d'amor, ciciam...
Seus ramos, verdes mãos, o céo acariciam.
Sob a benção da luz, a agua beija a face
Da terra, onde o pudor d'alegre rosa nasce...
E as seivas aureoraes começam a ascender,
N'um sorriso infinito e doce de prazer,
Da noturna raiz á folha luminosa.
Oh eterna ascenção da seiva explendorosa
Que vens do coração do mundo escuro e bruto,
Ás almas dar a flor e aos corpos dar o fructo!
E na verde campina, o pão de cada dia,
Em doirados trigaes, vibrantes d'harmonia,
Ouvindo a voz do sol, irrompe d'entre leiva,
Embriagado de luz e tumido de seiva!
A risada do sol vibra no ar sadio.
É o sorriso de Pan que faz o claro estio...
Um dulcido rumor dos campos se alevanta:
É o som d'um beijo a arder nos labios d'uma planta;
É o murmurio que exhala a magica semente,
Quando cresce e se alonga em tronco viridente
E quando se divide em ramos que lampejam
E que, á luz do luar, saudosos rumorejam...
É a mystica harmonia etherea que se exhala
Da agua que sorri, do marmore que falla...
É a cantiga d'amor que sobe extasiada,
Da terra, essa menina e moça enamorada

Do sol, loiro donzel, explendido e pagão...
É o cantico sagrado, a mystica canção
De esperança immortal, de saude e de alegria
Que anda Pan a cantar, nos bosques, noite e dia!...

AS NYMPHAS

Oh Nymphas que cantaes,
Junto dos rios, entre os salgueiraes,
São vossos corpos como a luz do luar;
A gente vê-os, sem lhes puder tocar...

Ao pé das claras fontes,
Coroaes de rosas as nevadas frontes,
Emquanto vosso corpo acaricia
As mãos da luz do dia...

Faunos libidinosos
Perseguem-vos nos bosques amorosos...
E fugis para um rio, alegremente,
Que vos esconde em nuvem transcendente...

Se uma Nympha, na relva, adormecida,
É por lascivo Fauno surprehendida,
Muda-se, de repente, em cana verde
E, triste, os labios perde...

E, triste, vê seu branco corpo amado
Endurecer, oh dor, ficar gelado!
Vê seus pés infelizes
Que penetram a terra e são raizes...

E a rosea pelle delicada e pura,
Ficar rugosa e dura...
Vê, triste, a loira trança que se espalma
Em verdes folhas sem calor nem alma...

E o Fauno, cego e louco de paixão,
Grita de raiva, e sente o coração
Diluir-se em pranto! E, tragico, delira,
E seu desejo, estrangulado, expira!

Cançado de soffrer, desfallecido,
Cáe sobre a terra e fica adormecido...
E sua alma immortal
Erra atravez d'um verde canavial...

Oh Nymphas que cantaes,
Junto dos rios, entre os salgueiraes,
São vossos corpos como a luz do luar;
A gente vê-os, sem lhes puder tocar...

VENUS

Inunda d'harmonia a vibração da luz
O valle em flor de Pan e o horto de Jesus...
As aves cantam, no Calvario, alegremente.
E a urze estiolada absorve o sangue quente
De Christo, que vae ser uma viçosa flor...
Amanhã é perfume, oh Christo, a tua dor.
Em petala gelou o suor do teu martyrio...
Quando voltaste ao mundo, o que eras tu? Um lyrio,
Linda flor que enfeitou, oh Venus, tua trança...
Aurea chuva de luz, d'amor e de esperança
Que fertilisa a terra e que incendeia o olhar
Dos Faunos da floresta e das Nymphas do mar!...
Que enamora o leão e as arvores sensuaes,
Sob o polen a arder e os beijos aureoraes...
Que sobre todo o mundo, os sêres perpetua;
Que faz corar d'amor a pallidez da lua,
Que faz cantar a ave e faz rugir a féra

Louca d'amor feroz, ao vir da Primavera!
Sob a tua influencia, oh Venus amorosa,
O sol fecunda a terra humilde e lacrimosa...
Beijam-se as pedras e diluem-se em prazer,
A noite beija o céo que fica todo a arder...
Beijam-se as ondas que se perdem pela altura,
Em nuvens de prazer intenso que fulgura.
O luar beija a fonte enamorada e bella,
O homem beija a mulher, o mundo beija a estrella.
Sob a tua influencia, oh Venus, tudo ama!
A luz do teu olhar todo o Universo inflama.
És o desejo eterno, és a fecundidade
A mãe da Primavera, a mãe da Humanidade!

UM DIALOGO

O AMOR

N'esta noite sem fim, quem bate á minha porta?

A ALMA

Uma pobre mendiga, quasi morta,
Alma cançada, errante e dolorida
D'estes caminhos asperos da Vida...

O AMOR

E que procuras tu, na noite d'este mundo?

A ALMA

N'estas trevas procuro o sol fecundo.
Venho da escuridão da Natureza;
No meu saco de pobre eu trago só tristeza...

Venho do Cahos sem fim, da mysteriosa origem.
Mil corpos abracei, beijei... e ainda sou virgem!
Ha biliões de seculos errante,
Como sombra que a luz faz tremula e hesitante,
Ando de corpo em corpo...
O marmore beijei,
O marmore glacial e livido animei...
E o marmore deslumbrado, em mystica ternura,
Fundiu-se, como ao sol, se funde a neve pura...
E ei-lo sagrada flor,
Thuribulo que exhala aroma, vida e côr.
Percorri, feita luz, as lagrimas das fontes,
Que pousaram, sonhando, em nevoa, sobre os montes...
Sonho azulado, ethereo
Que ergue as azas a voar, a voar, para o Mysterio...
Vi o pranto da aurora e o pranto das donzellas
E a distancia que vae dos campos ás estrellas...
Percorri a distancia pequenina
Que existe entre uma estrella diamantina
E uma gotta d'orvalho que reluz.
Vi a estrada que vae da noite dar á luz...
A distancia que vae d'um ai d'amor ao vento
E d'um ramo florido a um nobre sentimento!
Cantei, qual rouxinol, pousada sobre o fio
Que liga o sonho humano á nevoa azul d'um rio,
Que prende a estrella clara ao negro charco immundo
E a pureza de Deus ao lodaçal do mundo!...

Sou a agua que forma as ondas da harmonia
E o fumo azul que exhala um bello incendio, — o dia!
Como nuvem chorei, chorei como mulher;
Soffri como rochedo e como estrella a arder!
Fallei na lingua ideal das arvores maternaes
E na lingua do mar, na lingua dos crystaes!
Vi o céo pelos olhos das campinas,
Das ondas que, ao sol-pôr, se tornam purpurinas...
Pelos olhos subtis das cerulas espumas,
Pelos olhos somnambulos das brumas...
Onda do mar, fui consumida pelo sol,
Grão de seara, triturou-me um rouxinol...
Fui um raio de luz que linda flor bebeu,
Fui um perfume devorado pelo céo...
Astro que a noite immensa suffocou,
Peito humano que a dor dilacerou!
Meu destino é sentir. Eu sou a sensação
Eterna, o sonho imperecivel, a visão,
A consciencia que brilha em cada humilde cousa...
Luar sensivel que nimba a treva mysteriosa...
Sou o Espirito, a Alma, a luz extraordinaria
Que se fez na amplidão noturna e solitaria...

O AMOR

E como vens molhada! É de chorar!
Que noite fria e negra! Entra em meu lar!...

O teu perfil chimerico e nevoento
Parece aquelle deus que se entrevê no vento...
Genio velado em nevoa transcendente,
Que se avista n'um rio, ao sol nascente...
A divindade occulta que deslumbra
Sacro bosque onde cáe a chuva da penumbra...
O Christo macerado e ensanguentado,
Na gloria da Ascenção transfigurado!...

Oh estranho perfil visionario!
Oh coração errante e solitario,
Oh coração eterno e vagabundo
Que vaes de flor em flor, de mundo em mundo!...
Oh alma errante, oh alma dolorida,
Sou o amor, sou o ar que te dá vida!...

PAN

Oh Pan, deus da Alegria,
Olha as Nymphas nos bosques a cantar!
Olha Apollo semeando a luz do dia
Aureo trigo que as almas vão ceifar!

Oh Pan, deus verdadeiro,
Raio de luz que os bosques illumina,
Acendendo no triste pegureiro
Uma emoção divina!

Oh Pan, deus do arvoredo, alma do mundo!
Deus da saude, deus da fortaleza!
A luz do teu olhar é o sol fecundo,
Teu corpo abrange a immensa Natureza!

Cerca de verdes louros minha fronte;
Tua rustica frauta vou tanger,
Sob um salgueiro, junto d'uma fonte,
Á luz do amanhecer!...

E que subam meus cantos religiosos,
Como aromas de flor,
Dos valles deleitosos,
Onde, em chammas de lyrios, arde o amor...

Confundi-vos, meus canticos sagrados
Com o canto das nuvens e da lympha,
Com o canto dos lagos embriagados
Do alvor que exhala o corpo d'uma Nympha!

Com o cantico da arvore sensivel
Que ignoto amor de lagrimas constella,
Quando bocca invisivel
Beija seus labios virgens de donzella!...

Com o canto da rocha comovida,
Ante o luar que nasce, abençoando
A miseria da noite dolorida
Que passa pela terra soluçando...

Oh phantasma da noite! Caim agreste
Que o sol amaldiçuou!
Caim da Natureza, o que fizeste?
Que horrendo crime assim te fulminou?...

Tu, que és a morte, a escuridão da cruz,
Oh noite, oh vagabunda do infinito!
Eterna errante, o que fizeste á luz?
Que martyrio, que offensa, que delicto?...

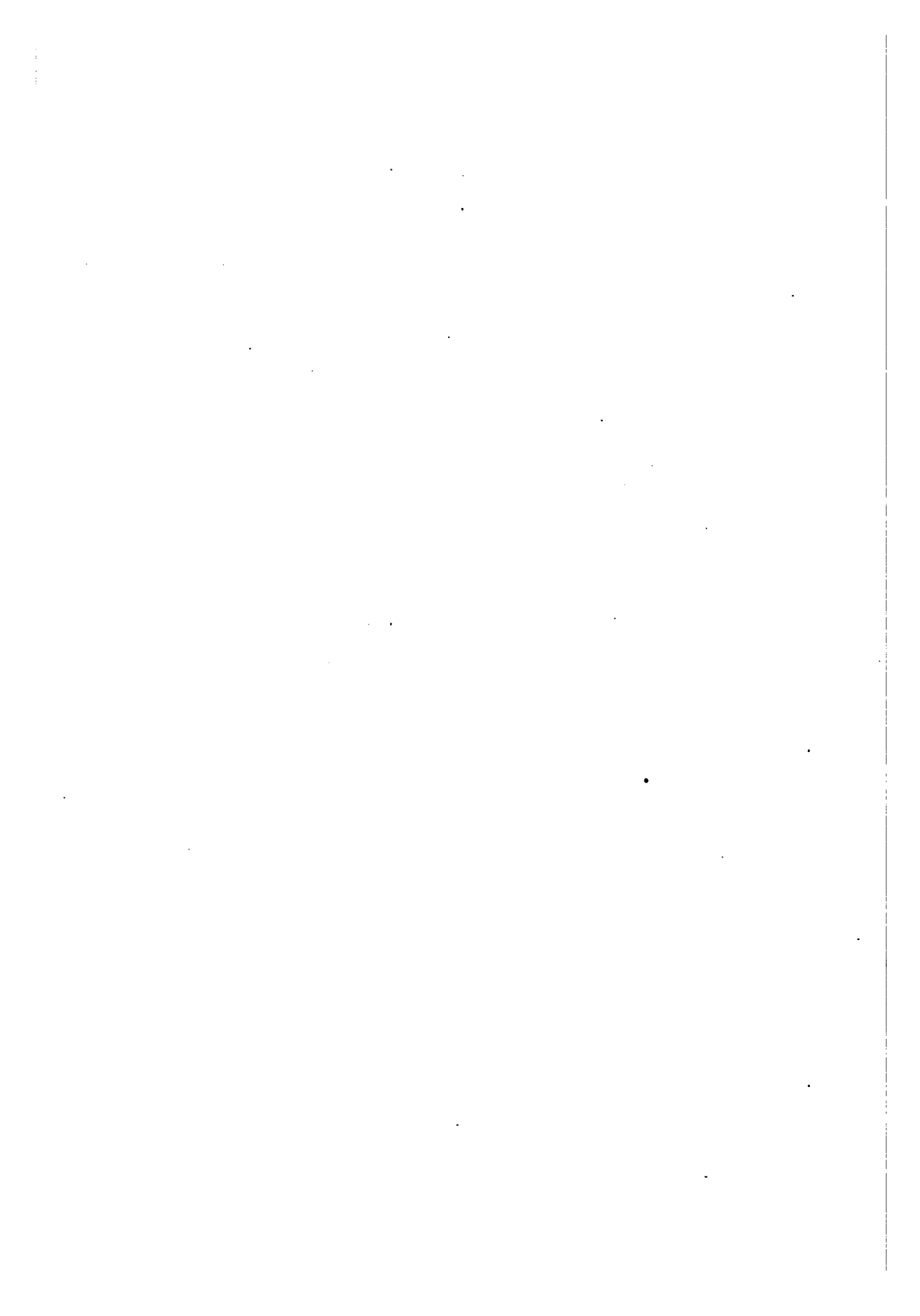
De ti somente o luar tem compaixão,
Porque é triste e padece...
O luar, maná do ceo, alvo perdão,
Chuva d'amor que as cousas enternece...

Que o meu canto amoroso se confunda
Com o canto da flor e da manhã,
Da bôa terra que o bom sol fecunda
E alcance o espirito immortal de Pan!...

DESLUMBRAMENTO

Pela lagrima triste e pelo riso
Este mundo está preso ao Paraizo...
Pela alegria heroica e pela dor,
Participa de Deus o nosso amor.
O sêr indifferente não existe,
Quem não ri ou não chora, é sombra triste...
Somente a comoção nos faz viver...
Só os olhos que choram, sabem ver.
A lagrima é que vê; os olhos não.
O riso é falla, a lagrima visão!
A glacial e vã serenidade
Das cousas e da vasta immensidade,
É illusoria, apenas apparente.
Comove-se o rochedo, a nuvem sente.
Só desconhecem corações banaes
O delirio e a vertigem dos crystaes,
Chorando e rindo, entre scintilações!

Oh pedra incendiada de visões!
Porque a luz chega ao mundo comovida,
É que ella acorda o mundo para a vida.
Cantam as fontes, ébrias de ternura;
Seu canto veste a terra de verdura.
A comoção as ondas alevanta,
Quando o luar mysterioso canta...
O sonho deu á onda azas de bruma;
Oh agua virginal, lyrio d'espuma!
Oh anjo immenso que na mão sustentas
O calix da amargura e das tormentas!...
E o vacuo enorme, o vacuo tenebroso,
Quando o sensibilisa o sol radioso,
Sente um grande prazer, grande alegria...
E assim nos comunica a luz do dia!
É comoção a essencia do Universo;
O que acende uma estrella, anima um verso.
A substancia das cousas é o Delirio.
Feito de chamma é o coração do lyrio...
No seio d'uma flor almas padecem;
No coração do orvalho soes florescem...
No coração dos homens solitarios
Ha Christos a subir ermos calvarios...
Ha Virgens dolorosas a chorar,
Ceos que trovejam, santos a expirar...
Ha sepulcros abertos com fragor,
Duras penhas fendidas pela dor!...

Vive uma estrella occulta no rochedo;
Crepita a seiva ardente do arvoredo...
Ao meu ouvido, oh Musa, tu segredas
Que ha no seio do marmor labaredas,
Que nos labios da nuvem virginal,
Canta e sorri a luz aureoral!
A vida, no seu fundo, é sentimento;
Grande incendio ateado pelo vento
Do mysterio sem fim que esconde Deus!
Oh luz velada pelo azul dos ceos!
A vida é um sonho, um ether luminoso...
Anima um peito candido e amoroso,
E transfigura essa materia bruta
Que não olha, não sente, não escuta.
Luz que trespassa a forma enganadora,
Como trespassa a nevoa a luz da aurora...
Oh poetas, vêde a terra infinda e calma
Ébria de luz e saturada d'alma!...
Banhae as vossas almas no clarão
Que alvorece da infinda comoção,
Que d'estrellas orvalha a imensidade!
Afogae-vos no mar da Eternidade;
Cantando, como Ophelia enlouquecida
O sempiterno cantico da Vida!

O RISO

Oh riso, olhar d'Apollo, pae do dia,
Luz a brilhar ardente em labios virgens,
Oh riso, eterna fonte d'harmonia!...

Oh riso mysterioso das Origens,
Oh riso inextinguivel do deus Pan,
Oh riso delirante das Vertigens!...

Oh riso, a luz divina é tua irmã!
Sempre que uns labios puros vão sorrir,
N'elles fulgura a estrella da manhã...

Ser alegre é ser luz. Rir é florir.
As flores que desabrocham nas campinas,
São sorrisos d'amor que estão a abrir...

Aureas chuvas de riso crystalinas,
Dão vida ao campo e lyrios aos outeiros.
Destroe sorrisos quem cortar boninas!

Riso dos montes, riso dos pinheiros,
Riso sem labios, riso solitario,
Riso anterior aos mundos passageiros...

Ou nas flores agrestes do Calvario,
Ou nas flores do campo, em tudo vejo
O riso primitivo, originario...

O creador do sol e do Desejo,
Da esperança e da lagrima dorida,
Nebulosa no azul, nos labios beijo!

O riso é fogo, é chamma esclarecida
Que scintilla nos labios amorosos
De Venus, deusa eterna, mãe da Vida!

Risos de luz nos vagos céos brumosos,
Risos d'aurora, orvalhos matinaes,
Risos de flor nos troncos voluptuosos...

Riso das ondas, riso dos crystaes,
Riso d'espuma a arder em labios d'agua,
Oh riso intenso e frio dos metaes!

Riso do sol que doira a nossa magoa...
Labios da noite abertos n'uma estrella,
Labios de nuvem n'um sorriso d'agua!

Riso beijando a face clara e bella
Da lua, riso de melancolia...
Riso d'estrella em labios de donzella.

Oh riso, pae eterno da Energia
Que o sol sustenta na amplidão immensa,
Que tudo inunda de intima harmonia!

Riso da fronte que medita e pensa,
Riso d'um negro céo de tempestade,
Oh riso aberto a fogo em nevoa densa!

Riso, fonte d'amor e claridade,
Oh fonte de alegria e de pureza,
Fonte de vida, fonte de piedade,

Oh riso, eterna luz da Natureza!...

IDYLLIO

I

Mulher, doce alegria
De minha carne ébria de luz e d'harmonia!
Teu casto e claro olhar
Funde meu corpo em sonho, em lagrima, em luar...
Teu divino sorriso
É voz d'anjo a mandar-me entrar no Paraizo!
Quando te vejo, oh lyrio,
Meu sêr exulta e vibra e canta, n'um delirio...
Transformo-me em canção;
Todo eu me sinto aza, aroma e comoção,
Se me tocam, de leve,
Os teus olhos de chamma e as tuas mãos de neve!
Sou como gotta d'agua
Que, á luz do teu olhar, se esváe em clara magoa...

E em neve crystalisa
Quando a beija, no outomno, um teu suspiro, a brisa...
Todo o meu sêr palpita,
Arde, chora, dá luz, canta, suspira e grita;
É oração, queixume,
Nuvem, sorriso, chamma, onda do mar, perfume,
Quando da tua face,
Alegre rosa nasce!
Quando teu corpo sente um estremecimento,
Como as arvor's, no abril, ao perpassar do vento!
E quando a fortaleza,
A infinita ternura, a mascula belleza
E a ideia que illumina,
Esperam, dentro em ti, a encarnação divina!
Almas que vão ter corpo e seivas mysteriosas,
Onde um perfil se esboça em formas radiosas!...

Oh corpo de mulher! Estatua viva!
Oh forma fugitiva,
Moldada em terra escura,
O marmore onde Deus esculpe a Creatura...
Oh doce maravilha,
Mãe de Maria e Venus, de Deus filha!

Oh ventre da mulher,
Bôa terra que faz um beijo florescer!
Santa e fecunda leiva,
Onde suga a floresta humana a eterna seiva...
Terra que o roble humano
Devora, como o sol as ondas do oceano,
Para se erguer a Deus,
Para abranger, crescendo, estrellas, mundos, céos!
Dando o fructo de dor, de luto e de tormenta
De que Deus se alimenta!

Oh peitos de mulher! Ninhos d'encantos,
Peitos! creae, creae justos, heroes e santos!
Oh fontes radiosas,
A jorrar vida e luz nas solidões brumosas!
Niagaras d'explendor,
Torrentes a cair em turbilhões d'amor!...
N'um diluvio de vida,
Afogae toda a terra escura e dolorida.
Á vida e á consciencia os tumulos chamae!
O roble tosco e bruto, oh nervos, penetrae!
Magnetica emoção,
Transforma cada pedra agreste em coração!
Faz chorar de ternura,
Os abutres no ninho, os leões na selva escura!

Todo o corpo trespassa,
Satura-o de prazer, de explendidez e graça!
Toda a terra embriaga;
Infiltra-te no mar, sensibilisa a fraga!
Embebe-te no ferro e ouvil-o-hás chorar,
Embebe-te na luz e muda-a em doce olhar!...
Seja no azul profundo,
Lagrima a tremular e a scintillar o mundo....
Enternecida esphera,
Toda ella a palpitar de amor e primavera!

II

Oh mulher, como a terra em maio, florescida,
Alma da minha vida,
Minha luz interior, luz ideal,
Tu trespassas meu sêr, que é limpido crystal,
Como trespassa o sol teu verde corpo, oh agua,
Que se dilata em magoa,
Todo embebido em luz e tremulo d'amor,
A erguer-se em claras azas de vapor...

Como no fundo d'ermo lago, a lua,
Nos meus olhos scintilla a imagem tua.
Em cada minha lagrima saudosa,
Palpita a tua imagem radiosa.
Dir-se-ha que nas gottas do meu pranto
Uma estrellinha acorda, por encanto!
Se um riso de teus labios, luz d'aurora,
Minhas lagrimas tristes evapora,
Fica em meus olhos tua imagem bella...
Assim n'um lyrio deixa a imagem d'uma estrella
Doce orvalho que o sol bebeu, sedento,
Ficando embriagado, nevoento...
Se rio d'alegria por te ver,
Sinto em meus labios uma estrella a arder
Que me aquece e deslumbra,
Diluindo minha dor, minha penumbra,
Em ethereo sorriso,
Como a terra a mudar-se em Paraizo...
Essa estrellinha és tu;
É tua alma despida e mais teu corpo nú!
E meu corpo, ao tocar teu doce corpo, Flor,
Como a rosa em perfume, evola-se em amor...
E fica embriagado
Da luz que dá teu corpo incendiado,
Teu corpo em chammas, como o sol bemdito
E teus olhos azues como o infinito!
Eu sou luz d'esperança e d'alegria

E tu, doce harmonia!
Oh sagrada alegria de viver!
Minha carne enlouquece e fica a estremecer,
Quando adivinha a tua,
Saturada de sol, ébria de lua!
Todo o meu sêr se expande, ao ver o teu perfil,
Como um bosque, ao sentir o mez d'abril,
E dilue-se, ao beijar tua face rosea e sã,
Em mystico sorriso e em lagrima pagã!...

Chammas d'amor a crepitar,
N'este meu peito, abençoado lar,
Voae, voae para ella!
Seu corpo incendiae, mudae-a n'uma estrella,
Quero vê-la raiar!

Oh minhas lagrimas d'amor,
Em nuvem triste do sol-pôr,
Ide velar a sua branca fronte,
Como o fumo da tarde um ermo monte...
Quero vê-la atravez da minha infinda dôr!...

Oh minha vida, em chammas abrazada,
Ruborisa sua fronte desmaiada,
Dá-lhe vigor e primavera!
Quero ver-te atravez do sonho e da chimera,
Minha Nympha do mar, de rosas coroada!

Quero vêr-te triste, meu saudoso Bem.
Sê triste; volve os olhos para o Além...
Que a tua virgindade
Dissolva minha carne em mystica saudade,
Da minha negra cruz, oh minha Virgem Mãe!

Estrella, flôr, mulher!
Mulher, ave a cantar, aurora a resplender!
Mulher, rio sonhando ao longo das campinas!
Mulher, nevoa tentando as azas crystalinas!...
Mulher, arvore piedosa,
Mulher, triste martyrio, enamorada rosa!
Mulher, onda do mar;
Mulher, brisa do outomno a suspirar...
Floresta que ao sol canta e ao luar, murmura!
Mulher, esperança, dôr, amor, graça e candura!...
Mulher, fonte que chora e que deseja,

Mulher, mulher, mulher, é a Terra que o sol beija!...
É o lyrio feito carne, pudibundo
Que o homem beija e abraça, ébrio d'amor fecundo!
Vestal immaculada
Que sobre o lar da terra abençoada,
E á luz do sol que o olhar de Deus inflamma,
Conserva sempre, oh Vida, a tua sacra chamma!

És Nympha na floresta e martyr sobre a arena.
És a noite que se ergue em luz, és Magdalena!
És Thereza, Marianna, Ignez e Joanna d'Arc,
Cecilia entre os leões, extactica, a rezar...
És a trança que uns pés sangrentos enxugou,
As mãos que ungiram Christo, e o anjo que baixou,
Dos cavernosos céos, ao Horto da Agonia!
És Rachel, Sulamita e Venus e Maria!
És Ophelia a boiar nas aguas d'um ribeiro;
Virginia olhando o ceu, Chloé sob um salgueiro...
És a Deusa a sair do mar, branca d'espuma;
És a Fada a nascer, sorrindo, d'entre bruma...
És Io, ébria d'amor nos lagos voluptuosos,
Viviana, ébria de luz nos bosques mysteriosos...
A Sybilla, em delirio, interrogando o vento,
Os espectros da noite e a luz do Firmamento...
És Agar no deserto e Ariadna em erma praia...

És a Deusa que faz o luar, quando desmaia.
És a Aurora, a sorrir, de pé, sobre o horizonte...
És Rebeca esperando, a ouvir chorar a fonte,
Lindo noivo que vem das bandas do Levante,
E a Laura de Petrarcha e a Beatriz do Dante!
És a Samaritana, a mystica mulher
Que a Jesus Christo deu, sorrindo, de beber.
E a sombra de Euridice, a sombra que projecta,
No inferno d'este mundo, a lyra do poeta!
Sombra que o nosso canto attráe, imagem vaga
Que um fatidico olhar, luz d'exterminio, apaga!...
És Venus que percorre a terra escurecida,
Levando a ardor, nas mãos, teu facho eterno, oh Vida!
És Maria ajoelhada, em pranto, aos pés da cruz...
Mulher, tu és a mãe de Pan e de Jesus!...

CANÇÃO

D'um cantinho d'este mundo,
Êrmo e triste, á beira mar,
Meu coração vagabundo
Vae pelo mundo, a chorar...

Os continentes percorre
E as verdes ondas do mar.
Como um relampago corre
E não deseja parar!

O seu destino, o seu fado,
É voar, voar, voar...
Todo o pranto amargurado
Elle deseja enxugar!

Como a luz do sol ardente,
Quer o mundo allumiar...
Dar côr ao lyrio tremente,
Verdes trigos aloirar...

Atravessa as solidões,
Á branda luz do luar...
Suavisa os corações,
Amansa as ondas do mar!...

Beija a chaga dolorida,
Teu amor a faz sarar...
Beija os labios já sem vida
E voltarão a fallar!

Beija as pedras dos caminhos,
Tão tristes, a suspirar...
Agasalha os passarinhos,
Protege os lobos a uivar!...

Adora, abriga e consola;
Sê berço, caverna e lar...
Sê beijo, lagrima, esmola,
Mãos erguidas a rezar!...

Vae, percorre a noite escura,
Coração, luz de luar.
Vae de tristura em tristura,
De dor em dor, a brilhar!

Do cantinho d'este mundo
Êrmo e triste, á beira mar,
Meu coração vagabundo
Vae pelo mundo, a chorar!...

CHUVA D'OIRO

A Virgem, sob a chuva d'oiro, estremecia,
Como donzella flor sob o clarão do dia...
Sua carne imortal, em chammas, crepitava...
Sacro fogo d'amor que o mundo illuminava!
Ondas de lagrimas ferviam, tumultuosas,
Em suas palpebras noturnas e brumosas...
O fumo da volupia exhala-se da chamma
Que vemos scintillar nos olhos de quem ama.
Emquanto um homem beija a face da mulher,
Em seus corpos transluz um roseo alvorecer...
É a alegria sã que, como um mar, inunda
O corpo fecundado e o corpo que fecunda!
Alegria sem fim do sêr que vae crear...
Alegria do ventre augusto que vae dar
Á luz um novo mundo, um novo coração!
Oh bemdito prazer, bemdita sensação,
Que doiras d'alegria o corpo da donzella,

Alvo céo qne vae dar á luz mais uma estrella!
Oh sorriso da Carne, oh doce claridade
Que nasces do estortor de morta virgindade!
Oh lacteos peitos palpitantes de desejos!
Labios a arder, favos de mel, ninhos de beijos!
Oh sorriso sem fim dos peitos distendidos
De magico licor! Peitos intumescidos,
Onde fulguram nebulosas creadoras...
Tetas a destillar orvalho, como auroras.
Lacteo orvalho que vae pousar, resplandecente,
Nos labios virginaes da creança inocente!
Tenrinho arbusto que só vive d'um licor
Que é branca nevoa e luar e liquifeito amor!
Mulher ainda em botão! Homem vago e indeciso...
Carne que lembra o barro ideal do Paraizo!
Corpos que trazem das entranhas maternaes,
Vestigios de luar, de rosas e crystaes...
Tenros perfis que se assemelham com clareza,
Ao sêr primeiro que brotou da Natureza!
Carne que cheira ainda ao humus primitivo,
Raio alegre de sol, ha pouco tempo, vivo!...
Olhos ingenuos onde vemos scintillar
A luz mal convertida ainda em claro olhar...
E a agua pura e doce, ha pouco transformada
Em estrella de dor, em lagrima salgada!...

A Virgem, n'um delirio etherial d'amor,
Ardia, sob a chuva imensa de fulgor...
Em seu ventre imortal e casto, recebia
Os germens celestiaes que traz a luz do·dia...
Gotejava ouro e luz seu divino cabello.
Nos seus labios pousou, cantando, o sete-estrello!
Sete gotas da chuva olympica e amorosa
Que de prazer molhava a Virgem radiosa.
Por fim, cessou a chuva d'oiro, de repente.
E Maria sentiu seu ventre omnipotente
Dilatar-se e crescer, como o grão de seara,
Sempre que o beija, sob as terras, a agua clara.
E seu ventre se abriu e deu á eterna luz,
Para gloria do mundo, a alma de Jesus!...

ALEGRIA

A alegria do sol doira as campinas,
Fulge nas aureas fontes crystalinas,
Vibra na voz dos passarinhos,
Transluz no olhar dos meigos cordeirinhos...

Ha no ramo que abrolha um riso a abrir.
A alegria da terra faz florir
A ceregeira e os matagaes...
Riem no orvalho os raios matinaes...

Em clara seiva, pelos troncos gira
O riso eterno da apollinea lyra...
Riso de luz em flor mudado,
Riso que tomba em fructo abençoado!

A alegria do sol traduz-se em vida.
A luz é a comoção indefinida
Do sol explendido que gera,
N'um momento sublime, a Primavera!

A alegria das almas é bondade;
A alegria do sol é claridade...
E das feridas de Jesus
Não gotejava sangue, caía luz.

Ser alegre é ser bom. Santa alegria,
Precursora do sol que os mundos cria,
Fonte de vida, estranha origem,
Eternamente a crear e sempre virgem!

Vejo nas lagrimas o sol a rir,
Vejo na humana dor lyrios a abrir!
Homem sombrio, a tua dor
O que é perante a luz, perante a flor?...

N'uns labios morre um grito de martyrio,
Se os beijar o perfume d'algum lyrio.
E o negro pranto d'um olhar
Bebe-o a luz sedenta de brilhar!

A dor humana, é nuvem, illusão,
Ante o riso sem fim da creação...
É sombra vã nossa miseria
Que se apaga e dilue na luz etherêa...

O riso aquece, a negra dor congela.
A alegria é luz d'alma e luz d'estrella!
Aureo relampago infinito
Que deslumbra meu sêr quando medito!...

MANHÃ DE MAIO

Doce manhã de maio!
Alegre cotovia,
Oh ave deslumbrada,
Interprete do dia!
Que perfumes subtis
Inundam a atmosphera!
Nevoa astral a subir
D'um rio de chimera...
Vago sonho a nascer
D'um coração vidente.
Que ar tão virginal
Tem o mundo innocente!
O aroma é tão intenso,
Em maio, nos outeiros,
Que tolda o claro azul
De vagos nevoeiros...
E o arbusto que rebenta

É um Lazaro a quebrar
A tampa do sepulcro,
Ouvindo o sol chamar!
E a aresta d'uma pedra
O loiro sol golpeia...
E o sangue de seu corpo
As pedras incendeia.
Ergue-se a onda em nevoa,
A alma em piedade,
O jasmim em perfume
E a pedra em claridade!
Pelas raizes toca
A planta o negro inferno;
Pela flor ella alcança
O Olympo sempiterno!
Á noite, vem do mar
A lua, a escorrer magoas,
Como Ophelia ao sair,
Outr'ora, d'entre as aguas...
E o mundo, Hamlet escuro,
Além, na sombra densa,
Traz nas pallidas mãos,
Uma caveira imensa!...

MORTE DE ADONIS

Venus, ao encontrar Adonis moribundo,
Maldisse o instante negro em que descera ao mundo!
Uma nuvem de dor o Olympo escureceu,
E Venus, como a luz do dia, anoiteceu!
E o sol fecundo que em seus labios scintillava,
D'um crepusculo triste o seu perfil doirava...
Sentia diluir-se em negro e amargo pranto
Que se mudava em claros astros, por encanto...
E sob a acção de ethereas lagrimas divinas,
Suas formas ideaes tombavam em ruinas...
Venus beijava o morto Adonis, n'um delirio,
Gelado como a pedra e roxo como o lyrio!
N'uma dorida voz que as arvor's comovia,
A vida injuriava, a terra, a luz do dia!
Gritava e maldizia o céo e mais o inferno
E até seu coração, oh dor, por ser eterno!...
Por fim, a sua voz cançada se apagou...

Seu rosto mais suave e pallido ficou...
Agora é frio outomno e foi um claro abril...
A estrella do pastor brilha no seu perfil,
Onde d'antes brilhava o claro sol pagão.
Padece, em vez d'amar, seu triste coração!
E Venus disse adeus á terra amaldiçoada
Onde encontrára a Dor; mas a dor desolada
Transcendentalisou seu corpo sensual,
Em alma o converteu, tornando-o immaterial...
E Venus, n'uma nevoa etherea e vaporosa,
Elevou-se na luz da tarde lacrimosa.
E para o Olympo azul, em lagrimas, subia,
Projectando na terra a sombra de Maria...

VIRGILIO

Minha carne deslumbra o sol pagão, a arder...
Ha sereias no mar, deuses no azul sem fim!
A estrella do pastor, filha do anoitecer,
Virgiliana emoção acende dentro em mim...

Estrella do pastor, doce melancolia,
Virgilio traduziu em versos tua luz.
Seu genio de poeta extranho, presentia
Vaguear na sua alma a alma de Jesus!

Virgilio, contemplando o pallido poente,
Onde morria o sol de Homero, ermo de dor,
Viu uma nova estrella ideal que, vagamente,
Sua fronte aureolou d'um mystico fulgor...

Sua coroa pagã de louros, gloriosa,
Murchou, irradiando aromas virginaes...
E transformou-se em luz d'aureola explendorosa,
Egual á que deslumbra os santos medievais!...

Um aspecto de cruz, apenas esboçado
Por encanto adquiriu sua lyra genial,
Ainda ébria d'um canto eterno, imaculado,
Ás Driades, a Pan, a Venus imortal!...

E tu cantaste, n'um enlevo delirante,
A nova Edade d'Oiro, as rusticas paizagens,
A belleza, a alegria ingenua, a paz constante,
A alliança entre a pomba e os animaes selvagens!...

Era nova d'amor virá, tempos de Nero.
Era de paz e d'alegria e de perdão.
Rubore nossa carne o claro sol d'Homero,
Comova nossa alma o doce luar christão...

TRISTEZA

Lagrimas de revolta e desespero,
Que tombastes do olhar dramatico d'Anthero,
N'um livro sois a dor
E na terra uma flor.
Para ti, oh Poeta, foi tristeza
O que é vida, alegria e luz na Natureza!...

Um grito doloroso
É a brisa que enternece o bosque rumoroso...
A humana desventura
É neblina no céo, nos campos é verdura...
Agua indecisa e tremula nas fontes,
Nos rouxinoes canção, lyrio nos montes...

É para nós ideal melancolia
O que é para a paizagem alegria...
N'um coração soluça e grita e chora
Uma dor que, no azul, é o eterno rir da aurora!
Oh dor que em rugas uma fronte agitas,
Ondulas de prazer as aguas infinitas!...

Homem, tu és, na vida, um grito apenas...
Um sobresalto nas manhãs serenas,
Um impeto de dor na imensidade calma!
No silencio sem fim és um murmurio d'alma...
Tu és a terra, a tragica poeira
Que endoideceu, fazendo a lagrima primeira!...

Terra, para que deste á luz o soffrimento?
Para que és um suspiro, um ai de dor, oh vento?
Oh nevoa, para que és desolação e mágoa?
Para que te mudaste em lagrimas, oh agua?...
Oh som, para que és a voz que faz chorar?
Para que te mudaste, oh luz, n'um triste olhar?...

Oh terra, tu soffreste,
Como outr'ora Jesus n'um monte agreste,
A tentação da Dor!
E soffres, para que? Para alcançar o amor.
A dor, tocando a carne estupida e assassina,
Revelou-lhe a alegria, a graça, a unção divina...

Novos olhos abriu a dor no rosto humano,
Mais fundos que o oceano,
Inundados da luz
Que nas almas deixou o sol Jesus.
Pupillas onde fulge a imagem radiosa
Da essencia mysteriosa...

Olhos que exhalam intima harmonia,
Olhos que avistam para além do dia,
Da luz material,
A luz espiritual...
Olhos que vêm o céo, os mares e os desertos,
Olhos aureoraes eternamente abertos!...

O CÉO

Nuvens sonhando pela altura,
Rosas cantando na espessura,
Inundam todo o céo
Da musica d'Orfeu!

Fontes chorando ao pé dos lyrios,
Poetas cantando os seus martyrios,
Enchem o Firmamento
D'extranho sentimento.

Ventos gemendo doloridos,
Bosques scismando entristecidos,
Derramam pelo ar
Chimerico luar...

Almas errantes e saudosas,
Tardes d'outomno explendorosas,
Exhalam a tristeza
No azul que sonha e reza.

Incendios rubros crepitando,
Negras borrascas clamorando,
Férem a imensidade
Que sangra claridade!...

A abobada imensa toda illuminada,
Onde á luz da Vida a luz do sol foi dada,
Que veste d'azul siderio os olhos meus,
E põe uma nuvem entre mim e Deus...
Que faz meditar o pallido poeta,
Que floresce a terra e que inspira o propheta,
Que semeia o sonho nas almas agrestes,
E que ergue das campas os verdes cyprestes...
Que nos dá a esmola das claras manhãs,
Que foi a ambição dos antigos Titans,

Que faz bater azas sedentas de luz,
Que foi a esperança de Boudha e Jesus...

O Firmamento azul imaculado e virgem,
Val d'estrellas em flor, onde murmura a origem,
A fonte da existencia, a fonte d'explendor,
Onde Deus vae beber a sempiterna dor,
É feito da harmonia ideal que o sêr emana...
Da voz da flor, da voz da luz, da voz humana,
Do murmurio do mar, dos gemidos do vento,
D'esse ether de que é feita a voz do soffrimento,
De gritos e orações e de murmurios vagos
Que pairam sobre a boca azul dos mansos lagos!
Das tragicas canções onde a tristeza chora,
Do cantico da ave anunciando a aurora!
Dos canticos d'amor que fallam de desejos,
Do canto da donzella anunciando beijos!...
Os infinitos céos são hoje povoados
De espectros de canções, murmurios descarnados,
Esqueleticos sons, caveiras d'harmonias,
De sombras espectraes de dores e alegrias!...

Tudo o que vae da terra encontra-se no céo:
O riso que se apaga, a cor que anoiteceu
E o canto que fechou os olhos, moribundo...

É o ar que Deus respira a dor que exhala o mundo!...

A FONTE

Por entre as pedras onde o musgo cresce,
Uma fonte suspira e quasi desfallece...
Vae tão magrinha! por assim dizer
É fio d'agua, pallido, a correr,
Abrindo uns vagos olhos de tristeza,
Como os olhos que poz no céo Santa Thereza.

Triste, sorri ao musgo com ternura,
Que lhe amacia a cama pobre e dura...
E o musgo, verde e doce suavidade,
Todo amor e humildade,
Aperta contra o seio a fonte estremecida
Que dos braços lhe foge, em nevoa dolorida...
E o verde musgo, vendo o seu amor
Fugir-lhe, fica triste e sem verdor...

E, moribundo, sobre a areia inclina
A face, onde transluz uma expressão divina...

Oh fonte d'olhos vagos, inspirada!
Agua dorida, oh agua macerada!
Nympha das Dôres, Nympha da Affliçâo!
Fonte triste onde morre o sol pagão!...
Fonte crepuscular, oh agua de tristeza,
Nympha que chora e que suspira e reza,
E os verdes, sacros bosques esqueceu...
Nympha de Jesus Christo a olhar o azul do céo...
Cada palavra triste que ella exhala
Aos lyrios faz perder o entendimento e a falla...
Choram os rouxinoes emudecidos,
Sobre os ramos em flôr, que scismam condoidos...
Cada pedra, tremente, empallidece...
E o Zephiro, ficando imovel, entristece.
E encolhe as leves azas de quebranto,
Que tocam nossa fronte, ás vezes, por encanto...

Do teu corpo tão bello, oh Nympha, o que fizeste?...
Por que foi que perdeste
A alegria serena que pairava

Nos teus labios que Pan, louco d'amor, beijava!...
Ai, dize, o que fizeste, oh triste fonte
Das rosas que enfeitavam tua fronte,
Mais teu cabello em flôr
Que, no arvoredo, além, era um clarão d'amor?...
Que é do tempo em que tu, sonhando descuidada,
De repente, te vias abraçada
Por algum deus enamorado e bello
Que avistara do céo, na terra, o teu cabello?...
Não te recordas já do touro ardente
Que comtigo fugiu, oh Nympha, alegremente,
Sobre as ondas do mar que se acalmaram,
Emquanto teu perfil chimerico avistaram?...
Teu cabello fluctuava, ao vento, desgrenhado...
Voltavas para a praia o rosto magoado,
N'um derradeiro adeus ás terras amorosas,
Onde, feliz, amaste os Satyros e as rosas!
Eras um ai de luz, relampago de dôr
Sobre o dorso do touro, a palpitar d'amor!...

Falla, saudosa fonte, oh agua de martyrio!
Dorida espuma a abrir em petalas de lyrio...
Ondas que a pallidez ascetica velou...
Que dôr religiosa assim vos macerou?...
Oh fonte o que fizeste ás tuas aguas?...

Subiram para o céo em nevoentas magoas;
Em nevoa, em sonho, em luz as vi subir,
Emquanto Apollo abria os labios, a sorrir...
Dispersou-se meu corpo em nuvens de anciedade...
Chamou por mim, oh dôr, a voz da claridade!
Apollo, para mim, os braços estendeu,
N'um abraço d'amor que os campos floresceu!...
Do meu sêr nada resta; isto que sou
Do incendio do meu sonho é a cinza que ficou...
Sou nevoa creadora,
Veu de noiva que traz no rosto a deusa Aurora!
Nevoa que crystalisa em lagrima dorida,
Lagrima que se expande em nevoa indefinida...
O sonho eleva e perde em nuvens um ribeiro,
E o amor, em canções, o triste pegureiro...
Sonha uma fonte e em nuvem se traduz;
Sonha o poeta que se perde em luz!

O ROUXINOL

Ouço cantar o rouxinol,
Quando no azul se estende o teu sudario, oh sol!
Canta a donzella ao seu amor,
Quando surge no céo a estrella do pastor...

E o poeta canta ao fim do dia,
Quando o luar das visões seus olhos allumia.
N'um ermo valle o lyrio canta,
Quando vê a Tristeza e o seu perfil de santa...

Oh dôr, tu és a etherea mão
Que faz vibrar a lyra ideal da Creação.
Se abala a dôr alma saudosa,
Logo um corpo se alonga em onda harmoniosa.

Canto que faz entristecer
É uma dilatação chimerica d'um sêr...
É para nós um canto o que é para algum lago
O nevoeiro ondeante e vago...

Meu cantico d'amor é meu espectro ethereo,
É a minha sombra, alto mysterio!
Meu dolorido sentimento
É de meu coração ideal prolongamento...

E minha dôr extraordinaria,
É só a ampliação sublime, imaginaria,
D'este meu sêr que abrange assim
As arvores, o mar, a luz, o céo sem fim!

Ave de genio, oh rouxinol,
Canta, canta a tristeza ophelica do Sol!
Teu corpo humilde e pequenino,
Alcançará o céo divino!

47

Cantae, cantae, lindas donzellas;
Voae nas azas do Som ás magicas estrellas...
Subi na Luz que o poeta inspira,
Oh vós que projectaes a sombra d'uma lyra.

Poetas, soffrei, chorae, cantae!
Elevae-vos a Deus na lagrima que cáe...
Subi á eterna luz no olhar que desfallece,
Sede o canto supremo, a sempiterna prece!...

ELEGIA

I

Lembras-te, meu amor,
Das tardes outomnaes,
Em que iamos os dois,
Sosinhos, passear,
Para longe do povo
Alegre e dos casaes,
Onde só Deus pudesse
Ouvir-nos conversar?...
Tu levavas na mão
Um lyrio enamorado;
E davas-me o teu braço
E eu, pallido, sonhava
Na vida, em Deus, em ti...
E ao longe, o sol doirado

Morria, conhecendo
A noite que deixava...
Harmonias astraes
Beijavam teus ouvidos.
Um crepusculo terno
E doce diluia
Na sombra, o teu perfil
E os montes doloridos...
Erravam, pelo azul,
Canções do fim do dia...
Canções que, de bem longe,
O vento vagabundo
Trazia na memoria...
Assim o que partiu,
Sobre as aguas do mar
E vem de ver o mundo,
Traz no seu coração
A imagem do que viu...
Olhavas para mim,
Ás vezes, distraida,
Como quem vê o mar,
Á tarde, dos rochedos...
E eu ficava a sonhar,
Qual onda adormecida,
Quando o vento tambem
Dorme nos arvoredos...
Olhavas para mim...

Meu corpo rude e bruto
Vibrava como a onda
A erguer-se em nevoeiro!
Olhavas descuidada...
Oh dor, ainda hoje escuto
A musica ideal
Do teu olhar primeiro!
Ouço bem tua voz
E vejo bem teu rosto,
No silencio sem fim,
Na escuridão completa!
Ouço-te em minha dor,
Ouço-te em meu desgosto;
Vejo-te no meu sonho
Eterno de poeta!
O sol morria ao longe...
E a sombra da tristeza
Velava com amor
Nossas doridas frontes...
Hora em que a flor medita
E a pedra sonha e reza
E erguem as mãos de bruma
Ao céo, as tristes fontes...
Hora santa em que nós,
Felizes e sósinhos,
Iamos atravez
Da aldeia muda e calma,

Mãos dadas, a sonhar
Ao longo dos caminhos...
Tudo em volta de nós
Tinha um aspecto d'alma!
Tudo era sentimento,
Amor e piedade...
A folha que tombava
Era alma que subia...
E, sob os nossos pés,
A terra era saudade,
A pedra comoção
E o pó melancolia...
Fallavas do luar,
Dos bosques, mais do amor;
Dos ceguinhos sem pão,
Dos pobres sem um manto...
Em cada tua palavra
Havia etherea dor;
Por isso a tua voz
Me impressionava tanto!
E ficava a scismar
Que eras tão bôa e pura,
Que, em breve, oh dor fatal,
Te chamaria o céo!
E soluçava ao ver
Alguma sombra escura,
No teu rosto que o luar

Cobria, como um véu...
A tua pallidez
Que medo me causava!
Teu corpo era tão fino e leve,
(Oh meu desgosto!)
Que eu tremia, ao sentir
O vento que passava!
Caia-me na alma
A neve do teu rosto!...
Como eu ficava mudo
E triste sobre a terra!
E, uma vez, quando a noite
Amortalhava a aldeia,
Tu gritaste de susto,
Olhando para a serra:
— « Que incendio! » E eu, a rir,
Disse-te: — « É a lua cheia! »
E sorriste tambem
Do teu engano... E a lua
Ergueu a branca fronte
Acima dos pinhaes,
Tão ebria d'explendor,
Tão casta e irmã da tua,
Que eu beijei, sem querer,
Seus raios virginaes!...
E a lua para nós
Os braços estendeu...

Uniu-nos n'um abraço
Explendido e profundo,
E levou-nos os dois,
Com ella, até ao céo...
Sómente, tu ficaste
E eu regressei ao mundo!...

II

Um raio de luar,
Entrando, de improviso,
No meu quarto sombrio,
Onde medito, a sós,
Deixa a tremer, no ar,
Um pallido sorriso,
Um murmurio de luz
Que lembra a tua voz...
O outomno que derrama
Ideal melancolia
Nas almas sem amor,
Nos troncos sem folhagem,

Deixa a vibrar, em mim,
Saudosa melodia,
Dolorida canção
Que lembra a tua imagem...
A noite que escurece
As almas e os outeiros,
Mas que acende, n'um bosque,
A voz do rouxinol
E a estrella que protege
E guia os pegureiros,
A lagrima do céo
Ao ver morrer o sol,
Acorda no meu peito
Etherea e infinda dor
Que á memoria me traz
A luz do teu olhar...
Tudo de ti me falla,
Oh meu longinquo amor!
As arvores, a terra,
Os rouxinoes e o mar!
Se passo por um lyrio,
Ás vezes, distraido,
Chama por mim, dizendo:
« Oh, não te esqueças d'ella! »
Diz-m'o o mesmo, chorando,
O vento dolorido;
Diz-m'o a fonte a cantar,

Diz-m'o a brilhar a estrella!
E vejo em toda a luz,
Teus olhos a fulgir.
Como descubro em tudo
A alma que perdi!
Não encontro uma flor,
Sem o teu nome ouvir...
Não posso olhar o céo
Sem me lembrar de ti!...
Porisso, eu amo o pobre,
O triste e a Natureza,
A mãe da humana dor,
Da dor de Deus a filha!
Meu coração ao pé
D'um pobresinho reza;
Canta ao lado d'um ninho,
Ao pé da estrella brilha!....
O meu amor por ti,
Meu bem, minha saudade,
Ampliou-se até Deus;
Os astros abraçou...
Beijo o rochedo e a flor,
A noite e a claridade...
São estes, meu amor,
Os beijos que te dou!
Has de senti-los, sim,
Doce mulher d'outrora,

Oh roxo lyrio d'hoje,
Oh nuvem actual!
Como, d'antes, teu rosto,
A rosa ainda hoje córa...
Beijo-te sim, beijando
A rosa virginal...
Vêm doirar meu perfil
Teus olhos, dos espaços.
Teu amor, feito luz,
Desce do Firmamento.
Se abraço um verde tronco,
Eu sinto entre os meus braços,
Teu corpo estremecer,
Como uma flor ao vento!
Soluça a tua dor
Nas infinitas magoas
Que no fundo da tarde,
Ao céo, vejo subir...
Ouço bem tua voz
No marulhar das aguas,
No murmurio que sáe
Das petalas a abrir...
Se os labios vou molhar
Nas aguas d'uma fonte,
Queimam meu coração
Tuas lagrimas salgadas...
E quando acaricia

O vento a minha fronte,
Eu bem sinto sobre ella
As tuas mãos sagradas!...
Quando, á noite, no outomno,
A lua, a branca Ophelia,
Morta, vae a boiar
Nas aguas do Infinito,
Sinto doirar meu rosto
A pallidez etherea
Que, d'antes, emanava
O teu perfil bemdito...
Quando, em manhãs d'abril,
Acordo, de repente,
E vejo no meu quarto
O sol entrar, sorrindo,
Julgo ver ante mim,
Teu corpo resplendente,
Tua trança de luz,
Teu gesto suave e lindo...
Descubro-te, mulher,
Na Natureza inteira,
Porque entendo a floresta,
A nevoa, o céo doirado,
A estrella a arder no Azul,
A lenha na lareira
E o lyrio que na cruz
Do outomno está pregado!

Fallas comigo, sim,
Da dor, do bem, de Deus...
Repartes o meu pão,
Amor, pelos ceguinhos...
E pelas solidões,
Os pobres versos meus,
Como os pobres que vão
A orar, pelos caminhos...
És a minha ternura,
A minha piedade,
Pois tudo me comove!
O zephiro mais leve
Acende, no meu peito,
Infinda claridade...
E a brancura do lyrio
Enche meu sêr de neve...
Todo eu fico a scismar
Na triste voz do vento,
Na attitude serena
E estranha d'uma serra;
No delirio do mar,
Na paz do Firmamento
E na nuvem que estende
As azas sobre a Terra!
Todo eu fico a scismar,
Assim como esquecido,
Ante a flor virginal

E o sol enamorado...
Ante o luar que nasce,
Ao longe, dolorido,
Dando ás cousas um ar
Tão triste e macerado...
Todo eu fico a scismar...
Um vago e ethereo laço
Prende-me ao teu imenso
E livre coração
Que abrange toda a terra
E occupa todo o espaço,
E que vae povoar
A minha solidão!
Por isso, eu vivo sempre,
Em doce companhia,
Com o pobre que pede
E a estrella que fulgura...
E assim meu coração,
Egual á luz do dia,
Derrama-se no céo,
Em ondas de ternura...
Sou como a chuva e o vento
E como a bruma e a luz...
Lyra que a mais suave
Aragem faz vibrar...
Agua que, ao luar brando,
Em nuvens se traduz...

Fructo que amadurece
Á luz d'um só olhar!
Pedra que um beijo funde
E mystico vapor
Que um halito condensa
Em clara gota d'agua...
Aroma que um só ai
Encarna em triste flor,
Riso que muda em chôro
A mais pequena magoa...
Vivo a vida infinita,
Eterna, explendorosa;
Sou neblina, sou ave,
Estrella e céo sem fim,
Só porque, um dia, tu,
Mulher mysteriosa,
Por acaso, talvez,
Olhaste para mim...

SILENCIO E SOLIDÃO

Silencio e solidão, estados d'alma
Dos saudosos outeiros,
Sobre os quaes, como um lago, ondula a noite calma
E a Distancia a chorar, envolta em nevoeiros...
Concentração dos montes enigmaticos,
Extasi em que mergulha a Natureza,
Os verdes pinheiraes somnambulos, scismaticos,
Que mamam na neblina o leite da tristeza...
Silencio e solidão,
Ignotos sentimentos,
Que humanisam a bruta Creação,
Dando uma voz humana aos lacrimosos ventos...
Silencio e solidão, estranhos fluidos
Que penetram os corpos com brandura,
Deixando-os apagados, diluidos
Em inefavel sonho, em mystica ternura...
Para os ouvidos o silencio é qual velludo
Que os toca docemente e os etherisa...

As cousas amacia e dulcifica tudo;
Essencia que um ruido apenas vaporisa...
Vacuo que deixa o som, quando esmorece,
Abysmo aberto por um canto que findou,
Abysmo onde vagueia e aos poetas apparece
O espirito imortal que os mundos animou...
A solidão é magico licor
Que o poeta vae beber para melhor cantar...
O espectro do Universo, o phantasma da Dor,
Só n'um êrmo sem fim comnosco vem fallar!...
Solidão absoluta,
Ausencia d'alma escura, indefinida...
Imenso vacuo onde nossa alma escuta
Chorar a fonte d'onde brota a Vida!
Silencio e solidão, estados d'alma ideaes...
Luz que dissipa o fumo azul dos céos,
Mostrando-nos regiões sublimes, aureoraes,
Onde architetam soes as mãos de Deus!
Silencio e solidão, ether divino
Que fez sonhar o Christo vagabundo,
Revelando-lhe a origem e o destino
Das estrellas no céo, das almas n'este mundo...
Silencio e solidão, perfume ethereo
Que os homens embriaga e extasia...
É o fumo de mysterio
Que sae da chamma que produz o dia!
É o fumo que entontece o pallido propheta,

É o fumo que a Sybilla, outr'ora, embriagou...
É o fumo que provoca o delirio do poeta,
É o fumo que as visões de Dante desenhou!...
Silencio e solidão, nevoas que imitam,
O originario e virgem nevoeiro,
Em bategas de luz que precipitam
O lôdo que formou o coração primeiro!
Branca nevoa de incenso
De volupia sagrada as almas inundando...
Nevoeiro lacteo e denso
Nossos cinco sentidos abafando,
Para que a alma humana possa ver
A eterna claridade,
O espirito imortal a resplender
No azul da Eternidade!
Silencio e solidão, poços profundos
D'onde o Enviado conseguiu tirar
A agua lustral que purifica os mundos
E onde as almas de Deus se vão lavar!
É a agua pura que Jesus bebeu,
Nos aridos desertos que elle amava,
De joelhos na terra, olhos no céo,
Tendo no coração a Humanidade escrava!
Desertos creadores,
Erma e fecunda areia...
Cinza morta que dá divinos explendores...
Desertos onde, ao vento, a seara eterna ondeia!

Refugio dos Poetas...
Brancas sombras de luar, Christos extraordinarios...
Magos sublimes, pallidos prophetas,
Chagas manando luz sobre os calvarios!...
Oh imensas planicies soffredoras
Onde, em torrentes, cáe a luz do céo aberto...
Mysticos areaes, ébrios d'auroras,
Oh vulto de Jesus, errante, no deserto!
Palmeiras que prégaes
O Sermão da Montanha á noite dolorida!
Bemditas solidões, oh santos areaes,
Onde encarnou no Sêr o espirito da Vida!
Oh mysticos silencios transcendentes,
Infindas solidões,
Onde erram, ao luar, espiritos videntes...
Planicies onde paira o fumo das visões!
Oh solidão do mar e das montanhas,
Silencio dos desertos macerados,
Onde ajoelham, scismando, apparições estranhas,
Sombras de Deus, verbos de luz quasi encarnados!

Oh solidão dos montes,
Oh solidão dos tristes horizontes
Oh silencio que dás ás almas o luar,
Saturae-me de luz: quero sonhar!

Oh solidão da estrella precursora,
Da estrella da manhã, da estrella annunciadora,
Oh silencio do sol que o dia vae crear,
Ensinae-me a cantar!

Oh solidão da lagrima divina,
Oh silencio sem fim da gotta crystalina,
Ou n'uma palpebra ou n'um ramo a scintillar,
Ensinae os meus olhos a chorar!...

Solidão do crepusculo infinito,
Silencio que precede infindo grito,
O meu sêr dilatae em bruma de luar,
Tal como se dilata em nevoa o verde mar...

Solidão das ruinas lacrimosas,
Oh silencio das eras mysteriosas,
Sobre lividos marmor's a pairar,
Erguei do pó meu primitivo olhar!...

Solidão do que vae á eterna luz ser dado,
Silencio do Futuro e do Increado,
Astros que vão fulgir, almas que vão amar,
Enchei de nova luz o meu olhar...

O MEU SEMELHANTE

Homem, velho Satan, em ti germina
A existencia divina.

Tu és a dura pedra embrutecida
Que estranha comoção chamou á vida!
Ignota comoção
Que se infiltrou na terra e fez um coração...
Primeira sensação, primeiro grito,
Que vibrou no silencio do Infinito,
Insuflando nas formas a energia
Que se expande em calor, em vida, em harmonia!
Oh halito d'amor que atravessaste
O vacuo imenso e d'almas o inundaste!
Oh halito fecundo
Que deste vida e sentimento ao mundo!

Eu, que te sinto em mim, sopro de Deus,
Bemdigo a luz que deste aos olhos meus!
Minha carne infecunda, erma e deserta,
Bemdiz a mão que a lavra e que a liberta!
Eu te bemdigo, em nome da Creatura,
Da Esperança, da Graça e da Ternura!...

Fôste o fogo que os montes abrazou,
Que florestas sem fim carbonisou!
Teu sangue percorreu os corpos monstruosos
Dos animaes antigos, horrorosos,
Que concebeu a terra, ébria d'amor feroz!
Foi rugido e bramido e silvo a tua voz!
Hoje és brando calor e doce claridade,
Carne féra diluida em luz de piedade...
Tu és o horrendo instincto sanguinario,
Feito Perdão, subindo êrmo calvario!
És o odio primitivo e destruidor,
Materia bruta e cruel de que Deus fez o Amor!
És o tigre raivoso, por encanto,
Oh mysterio sem fim! feito poeta e Santo!
És a colera, a furia primitiva,
Que é, hoje, alma piedosa e carne viva!
Tu fazes-me lembrar aquelle leão sangrento,
Onde acordou estranho sentimento,

Que, em vez de devorar os martyres christãos,
Sobre a arena beijou suas erguidas mãos!
Outro S. Paulo, de repente, deslumbrado
Por um raio do céo! Leão santificado!
Oh féra que entendeste a voz mysteriosa
Do sempiterno amor! a palavra radiosa
Que Deus diz em segredo aos santos vagabundos!...
Féra que comprehendeste o espirito dos mundos!
Sentiste, dentro em ti, viver e palpitar
A vasta Humanidade, as ondas e o luar...
Cantou, cerca de ti, a alegre cotovia,
Vendo no teu olhar, oh féra, a luz do dia!
Ebrio de espiritual e mystico prazer,
Vendo na tua noite o luar alvorecer,
Cantou o rouxinol...
E aureolou tua juba o resplendor do sol!

És uma sombra espessa embriagada
De luz sagrada!
És o luar da ternura, o incendio das paixões,
Oh ermo creador do mundo das visões!
És estatua que um mar de lagrimas alaga...
És alma que se acende e carne que se apaga,
Sob a rajada ideal das tragicas procellas
Que levantam, no azul, a poeira das estrellas!

És marmore que um beijo, a arder, volatilisa...
Frio metal que um sopro animico etherisa...
És o extasi, o sonho da Materia,
Exhalação de dor, irradiação etherea...
Nuvem de sentimento,
Que, em lagrimas desfaz mysterioso vento!
És um lyrio que dá o aroma da piedade,
Da justiça, do bem e da verdade...
Luz d'agonia e dor que vae alimentar
Mysterioso e sempiterno olhar...
Eterna emanação da Natureza,
Feita de sonho e de alegria e de tristeza...
És a nevoa infinita, a pura essencia
Que se evola do mar sensivel da existencia...
Nuvem que sobe aos céos,
Quando a toca, ao de leve, um halito de Deus...

És o eleito da Terra, o nauta do Diluvio...
Apollo que nos dá doces manhãs serenas.
És Plinio sob a lava ardente do Vesuvio
E Ecclesiastes que viu vaidade e fumo apenas...

És Elias pregando aos povos assombrados,
S. João a compor seu poema extraordinario,
Spartacus incitando os ermos revoltados,
Jesus, por nosso bem, no cêrro do Calvario...

És Socrates bebendo a taça de veneno,
Firme como uma estatua, em nome da Verdade.
Daniel entre os leões explendido e sereno,
E Virgilio anunciando a nova aurea edade...

E Marco Aurelio, outr'ora, absorto, a meditar
No insecto que seus pés mataram casualmente...
Colombo, d'olhar vago, errante pelo mar,
Mais a fronte de Homero a erguer-se do Oriente!

S. Francisco de Assis fallando aos passarinhos
Que lhe vinham pousar nas mãos, sem nenhum medo...
E Boudha, humilde e só, ao longo dos caminhos,
Interpretando o sol e a alma do arvoredo...

S. Paulo por um raio ethereo deslumbrado,
Ante a nova visão d'um mundo explendoroso...
És Prometheu á rocha enorme agrilhoado
E o magico Frei Gil, o Bruxo mysterioso...

Nuno que trouxe á cinta a espada flamejante.
És o riso de Pan que faz as primaveras,
Voltaire e Victor Hugo e Shakspeare e Dante
E mais Platão a ouvir o canto das espheras!

És Giordano de Bruno ante a fogueira horrivel,
O amor que fez descer Orfeu ao negro inferno...
E Fausto enamorado, em busca do Invisivel,
D. Quixote a luctar contra o moinho eterno!...

És o braço que lavra a terra erma e deserta,
Tolstoi purificando a ideia de Jesus...
És Newton que descobre e Erasmo que liberta,
És a Justiça e o Bem, a Liberdade e a Luz!...

AS ARVORES

Oh ermos vegetaes,
Almas sombrias, mysteriosas que sonhaes...
O rustico mendigo
Na vossa sombra encontra um religioso abrigo...

Deita-se a descançar,
De seu pesado e sempiterno caminhar,
Sob os ramos em flor
Que dão á sua magoa allivio, aroma e côr...

Arvores piedosas,
Bemditas sejaes vós pelas manhãs formosas,
Quando o explendor do dia
Vossas lagrimas muda em risos d'alegria...

Abençoada seja
Vossa sombra ideal que sonha e rumoreja...
Bemdito o fructo e a flor que daes á luz dos céos,
Minhas irmãs em Deus...

Bemdito seja vosso corpo immaculado
A arder, n'um lar sagrado...
Quando, feito bordão, ampara com carinho
O cego e o pobresinho...

Vosso lindo perfil,
Que de beijos em flor inunda o mez d'abril,
Meus olhos enamora...
Como elle vive e sente, empallidece e córa!

Arvor's, dentro de vós, ha Nymphas a sonhar...
Á noite, ás vezes, fico, extactico, a escutar,
Sosinho e pensativo,
O cantico que exhala o vosso corpo vivo!

E esse canto ideal
Satura-me de bruma etherea, espiritual...
Dilue todo o meu sêr
Em vaga luz que lembra a luz do anoitecer...

Todo o meu coração, em amorosa poeira,
Dispersa-se atravez a Natureza inteira,
Sem principio nem fim...
E vivo para tudo e morro para mim!

Oh arvores donzellas,
Sensiveis ao luar, ás nuvens e ás estrellas,
Dizei: porque choraes,
Quando, ao passar do vento, humildes, ajoelhaes?...

Mendigas sois tambem,
Oh arvores a orar por esse mundo alem...
Onde encontraes maldade!
A injustiça soffreis, a fome e a crueldade!

O homem vos tortura:
Aflige-vos a neve, o vento, a noite escura...
E a dor que nós choramos,
Do coração da terra ascende aos vossos ramos!

Maldito quem trucida
As arvores a sonhar na campina florida!
Quem seu sangue inocente e virginal derrama,
Com certeza, não ama!

É cruel e malvado
Quem faz mal a uma flor e ao bosque imaculado...
Deixae-os existir.
Deus disse que é divina a flor que vae abrir...

OS ROCHEDOS

Ha rochedos que são estatuas mysteriosas...
Nós vêmo-los, além, nas serras arenosas,
Desenhados no azul dorido do sol-pôr...
Oh frontes que enrugou e impederniu a dôr!
Ha rochedos que têm perfis extraordinarios...
Alguns, ao vir da lua, evocam os calvarios...
Outros têm a attitude ideal de quem medita...
O rosto d'uns, contráe uma expressão afflicta
E n'elles estremece um gesto de loucura!
A sombra d'uns á tarde, é sombra de ternura...
Outros, d'um alto cêrro, olham o céo e o mar...

As rochas, de manhã, são Niobes a chorar...

Soffre em cada rochedo, um grande Prometheu.
Cada rochedo tem, Titan, fogo do céo!
E a vara de Moysés cada rochedo espera...
E d'elles brotam já torrentes de chimera
Que hão de ser, amanhã, fontes de eterna vida!

Cada rochedo é vaga estatua indefinida
De estranhas creaturas...
Formas vivas, obscuras,
Que anteviu claramente
A rocha que, ao luar, é mystica vidente...
Vêde o rochedo que, na Serra, adivinhou
A forma pura, ideal que a Vida consagrou!

Rochedos pensativos,
Que, sonhando, fallaes dos tempos primitivos,
N'uma voz de somnambulo, confusa
Que lembra a nevoa, o fumo e a luz difusa,
Ergueis a vossa fronte
Acima do horizonte;
Fronte amorosa e doce adonde vão pousar
Brancas azas cançadas de voar...
E onde se encostam tristes vagabundos

Que têm nos olhos a amplidão dos mundos!
Se me encontro comvosco,
Vejo em vosso perfil arido e tosco,
Signaes d'aquelle horrivel soffrimento
Que inabalaveis vos tornou ao vento!

Tentastes ver o que vos foi vedado,
Voltastes para traz o rosto magoado!
Deus vos quiz em estatuas converter,
Como á mulher de Loth ante a cidade a arder!
Anteriormente ao vosso crime enorme,
Era harmonico e vivo o que é em vós disforme!
Sois ermos condemnados,
Oh vós que á negra terra estaes pregados!

Espiae vosso crime, praticando
Obras d'amor que vão humanisando
Vossa alma empedernida...
Oh rochedos amae e voltareis á Vida!
E novamente o vosso coração,
Sob o impulso ideal da comoção,
Palpitará d'amor e d'alegria,
Á luz do olhar de Deus e á luz do dia!

Ides ser almas, sim;
Torrentes de piedade e luz no azul sem fim!
Ides ser uma lagrima a fulgir
E labios a sorrir...
A belleza e a esperança ingenua e bôa,
Braço que ampara e alma que perdôa!
Da noite em que viveis,
Plenas de claridade, oh pedras, surgireis!...
Tudo a dor purifica;
O soffrimento os mundos santifica
E as almas transfigura
N'uma nuvem de graça e de candura...

AS ESTRELLAS

Claras estrellas,
Velhinhos soes, terras donzellas,
Lyras a arder, ardentes cruzes,
Mysticas luzes...

Corpos brilhando,
Corpos doirados expirando...
Ethereas lagrimas de Deus,
Astros dos céos!...

Chuva doirada,
A cair da nevoa desmaiada,
Em cujo seio arde e palpita
Vida infinita!

Nuvem creadora,
Onde transluz a eterna aurora!
Oh sonho errante e vagabundo,
Que se fez mundo!

Fonte d'amor,
Essencia, espirito, fulgor...
Fonte de luz, fonte de vida,
Agua dorida...

Astros, fallae:
Na noite negra scintilae!
Enchei de luz e sentimento
O Firmamento!

Que o vosso canto
Embale o poeta, embale o Santo...
Um a escrever, outro a rezar,
Vós a brilhar!

Fócos de luz,
Riso de Pan, dor de Jesus,
Mostrae aos pobres sem ninguem
Nova Bethlem!

Claras estrellas,
Velhinhos soes, terras donzellas,
Lyras a arder, ardentes cruzes,
Mysticas luzes...

A NEVOA

Alvas brumas do norte,
Oh brumas encantadas,
Que desenhaes perfis
De genios e de fadas,
Castellos de luar
E torres de marfim,
Onde ouve Viviana
A frauta de Merlim...
Brumas que amorteceis
O cantico do dia,
Que em noss'alma infiltraes
Doce melancolia,
Que sois maná do céo
Nos labios da estiagem...
Brumas que descoraes
A face da Paizagem
Que, pallida, desmaia

E tomba sem sentidos...
Tunicas que vestis
Os montes doloridos...
Brumas que assemelhaes
Tão intenso luar
Que, afinal, escurece
Em vez de allumiar...
Brumas que dilataes
O Som, vaga materia
Que forma a ondulação
D'uma palavra etherea...
De genios povoae
As florestas e os montes,
De fadas a nascer
Dos lyrios e das fontes...
Continuae a vestir
As planicies de flores;
Continuae a crear
Legendas e explendores!...

AS AVES

Aves, sonhos alados,
Sáem dos bosques inspirados...
Ninhos, casas d'amor,
Symphonias da luz, orchestras do Senhor...

Aves: — que procuraes
No infindo céo onde voaes?...
Não é vosso alimento;
Elle existe na terra e não no Firmamento.

Para que tendes azas
Que vos elevam sobre as casas?
De que vos servem ellas,
Se não são loiro trigo, oh aves, as estrellas?...

Não é o egoismo, não,
Que vos eleva na amplidão,
N'um grande vôo vertiginoso...
Voaes, porque vos chama o céo mysterioso.

Só a voz do Mysterio
No ar sustenta um vôo ethereo...
Azas a escorrer sol,
Ou sejam de perfume ou d'alma ou rouxinol...

É a voz desconhecida
Que eleva tudo o que tem vida...
É a tentação do céo
Que arrebatou Jesus e Boudha e Prometheu!

As aves voam, n'um encanto
Semelhante ao do Santo
Que, triste e só, pensa e medita...
Tudo sobe na luz chimerica e infinita!

E como os Santos padeceis
As dores mais crueis.
Quem diz corpos alados,
Diz corpos a soffrer na cruz, martyrisados...

A humana e triste creatura,
Que tem da pedra dura
A falta de carinhos,
Persegue-vos no ar, nos bosques e nos ninhos!

Crime terrivel o matar
Ave que voa a cantar!
Que negro horror, oh Deus,
Vêr uma aza cair, como Satan, dos céos!

Oh ave expulsa cruelmente,
Do céo pacifico e clemente!
Oh ave sepultada,
Oh ave negra, ave das trevas, fulminada!

Ave perdida, ave sublime,
Pelo tragico crime,
Que faz a luz arrefecer,
D'um homem triste e vão, sem olhos para vêr...

Maldito quem destroe o laço
Que as aves prende ao claro espaço...
Ninho supremo onde ellas moram,
Á mão direita, oh dor, dos corações que choram!

OS MENDIGOS

Mãos tacteantes, definhadas
Dos ceguinhos que vão pelas estradas,
Vinde amparar meu coração,
Não o deixeis cair em negra tentação...

Livrae-o de peccados e perigos,
Mãos definhadas dos mendigos,
Como os lyrios no outomno, quando passa
O vento que chora infinita desgraça!

E na vossa sacola remendada,
Levae minh'alma apaixonada...
Que ella vos dê, oh pobres, alimento,
Santissimo pão de amor e sentimento...

Meu coração deseja, oh pobresinhos,
Comvosco andar pelos caminhos,
No inverno, no verão, á chuva e ao sol,
Quando aloira o trigo e canta o rouxinol!

Adoro a vossa ingenua companhia,
Á luz do luar, á luz do dia,
Pelas aldeias, onde a terra
Com os homens anda em permanente guerra!

Oh drama infindo, oh tragico martyrio,
Sangue vertido d'onde nasce o lyrio...
Lucta sem treguas, horrorosa,
Oh lagrimas tristes d'onde brota a rosa!

Quero viver no vosso lar,
Onde arde a lenha a crepitar,
Alegre e bem feliz por dar calor
A pallidos corpos gelados de dor!

Quero viver sempre comvosco,
N'um humilde casebre pobre e tosco...
Com os jasmins e os arvoredos,
E os justos que vão para os ermos degredos...

Oh pobres de pedir, irmãos mais velhos
De minh'alma que vive de joelhos,
Como eu vos amo! Não fazeis ideia
Do que sois, ceguinhos, para mim, na aldeia!

Sois Mestres. Adoraes a solidão
Onde Jesus bebeu a inspiração!
Oh erma e triste imensidade,
Oh fonte de vida, amor e claridade!

Tristes ceguinhos, sabeis ver
Mystica luz a resplender,
Que para nós é noite indefinida...
Ensinae-me a vêr a clara luz da vida!

Ás vezes, vos confunde a simples gente,
Quando tendes um rosto intelligente,
Um ar suave e de ternura,
Com Nosso Senhor, na fria noite escura!

Andaes errantes, sem carinhos,
Envoltos na poeira dos caminhos,
Por esse triste mundo além...
Para que, dizei? Para salvar alguem...

OS CAVADORES

Manhã de inverno. Um frio sol cinzento
Vê, atravez do espaço nevoento,
A face das paizagens desgastadas
Pelo roçar das nuvens desgrenhadas...
Arvor's 'inda donzellas, doloridas,
Choram de pejo, vendo-se despidas
Pelo ironico vento solitario
Que passa, a rir, no espaço mortuario.
A agua limpida e magica das lymphas,
Doce de ter banhado claras Nymphas,
Gela de dor, ao ver a mortandade
Que o vento faz nas flores, sem piedade!
Os ermos pinheiraes
São espectros noturnos a dar ais!
E range a pedra dura, quando n'ella

Pequena gotta d'agua se congela,
Fendendo-a, como o raio
Que faz sangrar o meigo céo de maio!
Vestem os montes tunicas d'alvura,
Tecidos algidos de neve pura.
As terras endurecem
E nas veias das plantas arrefecem
As seivas que, sentindo a luz ardente,
Se dilatam em flor, alegremente!
E nos campos, o triste cavador
Confunde com a chuva o seu suor...
Chove de sua fronte nevoenta,
Como da negra nuvem de tormenta!
É a mesma agua santa
Que mata a sêde á terra, ao pobre, á planta!
É a mesma agua que alimenta o mar,
Os regatos e os lagos a sonhar!...

Oh êrmos cavadores,
A cavar, a cavar, a terra, a mãe das dores!
Dolorida mulher que o sol beijou...
Ventre que um raio animico tocou,
Lançando n'elle a mystica semente
Que se fez triste flor, homem vidente!

Trabalhae, trabalhae;
Assim como eu escrevo, oh meus irmãos, cavae!
Trabalhae com ternura.
Melhor que a enxada, o amor abranda a terra dura;
Melhor que a luz do sol, a luz do vosso olhar
O trigo amadurece e as aves faz cantar!
Oh ermos camponezes solitarios,
Semeae, semeae desertos e calvarios!
Que a seara vibre e cante d'alegria,
Onde chorou Maria!
Que as arvores dêm flor nas solidões sem fim,
Ainda negras da sombra enorme de Caim!
Que no vosso trabalho, a terra hostil
Encontre um mez d'abril!
Que o braço que trabalha, a todo o instante,
Esteja preso a um coração amante.
O vosso esforço, então, será fecundo.
Construi vosso lar, como Deus fez o mundo!
Que elle assente no amor, na piedade
E existirá por toda a eternidade!

Como o sol muda em dia a noite dos espaços,
Coração, muda em luz o esforço de seus braços!
Coração, tu que tens o mystico segredo

De transformar em flor a seiva do arvoredo,
De dissolver em luz a pedra agreste
E em suspiro d'amor o vento do nordeste...
Tu que tens, coração,
A sciencia sybilina, o magico condão
De mudar, n'um deserto, á luz do dia,
Um deus, verbo divino, em carne d'agonia,
Sustenta o braço martyr e fecundo
Que, trabalhando, fertilisa o mundo!
Ergue em perfume, em lyrio transfigura,
Sob os golpes da enxada, a terra dura,
Na benção infinita
Do alvor, da gloria da manhã bemdita!

Sê tu, amor, a essencia da obra humana
E o alicerce de toda a rustica choupana...
Vem acender meu lar e urdir a minha teia
E segura nas mãos, amor, nossa candeia!
Como a aurora os rochedos do horizonte,
Deslumbra minha fronte!
E quando, no silencio vago e imenso,
Sobre o branco papel, medito e penso,
Extactico, embebido em mystica harmonia,
Minha penna allumia!

Trabalho sem amor é improductivo.
Somente é verdadeiro, eterno e vivo
O que produz o amor...
O mais é fumo e sombra e vão rumor..

Trabalhae, meus irmãos, de sol a sol,
Como escreve o poeta e canta o rouxinol...
E a terra ha de cantar,
Como as aves, no abril, alegres, a voar,
Levando já no ventre casto e puro,
As aves do futuro!
E a terra ha de cantar como a donzella,
Enamorada e bella,
Avida de crear, de conceber,
Como a agua ao beijá-la o sol a arder!
E da leiva fecunda,
Que um suor quente inunda,
Ha de nascer, viçoso d'alegria,
O vosso, o vosso pão de cada dia!
Bemdita a negra enxada ébria d'aurora,
Pesada como a cruz e redemptora...
Que a pedra escurecida evangelisa,
E aos desertos perdôa e as terras moralisa...
O poeta e o cavador! O sonho e o pão bemdito!

Um grão de seara é estrella no infinito
E a farinha ideal que ella produz
As almas alimenta: é pão de luz!
A penna é irmã da enxada;
A pagina d'um livro é terra semeada.
Quem escreve, cultiva.
Em que difere a flor da idea viva?
Oh poetas, semeae o vosso coração
Na gleba-multidão!
Que se vá derramar o vosso canto,
Alegre, vivo e santo,
Na dor dos outros, como a luz da lua
Na escuridão que sobre o mar fluctua!

Mas vejo que um desgosto,
Oh terra, põe um veu de luto no teu rosto!
Paira no teu semblante
Crepuscular tristeza, sombra errante,
Magoa que te acompanha desde a origem
E que ainda ensombra o teu perfil de virgem!
É que ainda em ti se trava, á luz dos céos,
A velha guerra entre Satan e Deus!
Não fizeram a paz a noite e o dia
E ouve a terra gemidos de agonia!

É a Justiça que tomba ensanguentada,
É a Razão, luz de Deus, injuriada!
A quem adoras não pertences, não;
A quem trata de ti com devoção,
A quem te veste com amor infindo
E deita flor's no teu cabello lindo!
A quem te beija e abraça com ternura,
A quem te torna bôa, oh terra dura!
Não! oh terra, mulher desfortunosa,
Tu pertences, oh sorte impiedosa,
Aos que nem te conhecem
Nem ao teu seio, apoz a morte, descem!
És d'aquelles que nunca te adoraram,
Nem, n'um carinho brando, te enfeitaram
Com arvores em flor, loiras searas
Que lembram manhãs claras,
Pousadas sobre os valles comovidos
De se verem, oh luz, tão bem vestidos!

Por isso, no teu rosto ainda ha tristeza,
Virgem Maria, doce Natureza!

O SOL E A CANDEIA

Luz do sol, fogo virgem, puro amor;
Luz de candeia é luz de dor...
Filha do sacrificio e da amargura,
É baça e triste, quasi escura...

A luz do sol é forte e apaixonada,
Canto de rosa enamorada,
Harmonia de beijo fecundante,
Musica alegre e delirante!

Luz de candeia, pallida e suave,
Que lembra, á tarde, um canto d'ave,
Na choupana do pobre, solitaria,
É luz sombria, mortuaria...

A luz do sol é vida, é energia,
Canto apollineo que extasia,
A carne em claros beijos inflorando
E a terra em lyrios acordando!

Luz de candeia, luz crepuscular,
É triste lagrima a brilhar...
Luz que allumia, plena de tristeza,
O cavador que soffre e reza!...

Erma luz de martyrio
Que doiras a caverna do Delirio,
D'onde sáem soluços e gemidos
De famintos espectros doloridos
És o olhar de Jesus,
Oh macerado alvor, agonisante luz!

Ridente claridade,
Alegria, saude e mocidade,
Sorriso, beijo e flor e fructo amado,
Luz que deixas um ventre fecundado,
Luz de eterna manhã,
És a luz que deslumbra os olhos do deus Pan!

AS FÉRAS

Oh féras que rugis,
Negras de fome, nos covis,
Almas, a arder, que incendiaes
As florestas que vós, bramindo, atravessaes!

Dizei, dizei: d'onde dimana
A tenebrosa furia insana
Que em vosso peito anda a gritar,
De panico gelando as arvores e o mar?

O fogo horrivel, primitivo,
Em vosso peito é fogo vivo!
O que ha de mau na Natureza,
No vosso coração é gelida crueza!

As verdes ondas que devoram
Nautas que os negros céos imploram,
Raios, ciclones e crateras,
Rugem de desespero, uivam de dor nas féras!

Assim a morta luz do sol,
É triste voz no rouxinol...
Assim a viva luz do dia
É canto de esperança e amor na cotovia!

E o que no tigre é furia brava,
Furia que agita a carne escrava,
Odio raivoso e crueldade,
Em Jesus é perdão e em Boudha é piedade...

De perto é morte e longe é vida
A luz do sol enternecida...
O cruel bramido d'um leão
Será, longe da terra, a voz d'uma oração?...

Em ti, Jesus, tudo é celeste,
Porque bem longe tu viveste...
E um negro mundo, ermo de dor,
Foi para ti, Virgilio, a estrella do pastor!

E a virginal e bella aurora
Acaso ri? acaso chora?
É luz de dor ou de alegria?
Quem sabe o que tu és, bemdita luz do dia?

Oh minhas lagrimas saudosas,
Para outras almas mysteriosas,
Sereis um mar encapellado,
Vós que sois para mim allivio abençoado?

Oh lindos olhos que amo tanto,
Olhos que sois o meu encanto,
No vosso fogo omnipotente,
Ha almas a penar, talvez, eternamente!

E para um cego a clara luz
É a noite horrivel d'uma cruz!
E ao longe, o vento que enlouquece,
É a brisa que, a sonhar, nos campos adormece!

Oh féro lobo vagabundo,
De serra em serra, pelo mundo,
És inocente ou responsavel?
Quem sabe o que tu és, oh lobo miseravel?

Alto mysterio, oh noite imensa!
Noite profunda, oh noite imensa!
Noite d'horror e de procella,
Vejo em ti o Dragão aceso em doce estrella!

E vejo um touro furioso,
Mudar-se em Taurus luminoso;
E vejo o Mal que soffre e chora,
Elevar-se no azul e ser o alvor da aurora!

AS CREANÇAS POBRES

Oh triste noite escura,
Oh noite d'amargura!

Creanças abandonadas
Andam á chuva, ao frio, esfarrapadas!

Ninguem faz caso dellas,
Debaixo das estrellas!

Vêm-se atravez de seus vestidos,
Lividos corpos doloridos!

Tenrinha carne d'agonia
Como os peitos sangrentos de Maria!

Que mãos ellas estendem, tão magrinhas,
Pedindo pão, pelas alminhas!

E só responde a noite que lhes diz:
— Sou como vós, creanças, infeliz!

E a noite do Imperfeito é mais intensa
Que a fria noite imensa!

Noite sinistra que faz medo
E pesa sobre nós como um rochedo!

E o vento sopra a clamorar!
Que frio de gelar!

E cáe a triste chuva,
Como lagrimas d'orfão e de viuva...

E ellas andam descalças, pelas ruas,
Famintas, quasi nuas!

Não ha um doce olhar de piedade,
Que as envolva em suave claridade!

Que solidão! Ninguem se importa!
Ninguem faz caso, oh noite morta!

Oh triste noite escura,
Oh noite de amargura!

AS ALMAS

Lyrios a rir, astros fulgindo, almas sonhando,
Aromas tristes no céo voando,
Infiltram na alma da Creatura
Fluido d'amor, ether de dor que, em nós, fulgura!

Alma amorosa, luz de Deus, faula divina,
Lagrima etherea e crystalina,
Tem nos seus olhos encantados
Mundos de dor, claras visões, astros doirados...

Tudo o que beija a alma humana, acende n'ella
Branco luar, pallida estrella...
Vago reflexo mysterioso
D'almas subindo, em vôos de luz, ao céo brumoso...,

Peito que soffre, alvo jasmim que aroma exhala,
Como somnambulo, nos falla
De estranhas almas a sonhar...
Almas da terra, almas do céo, almas do mar!...

Almas errantes que fallaes,
Ignotos olhos d'explendor...
Claros espiritos astraes,
Brilha, na minha alma, a luz do vosso amor!...

Alma da fonte que murmura,
Alma dos lyrios inocente,
Alma da nuvem, alma pura,
Minh'alma vae fallar comvosco, ao sol-nascente!

Alma das ondas doloridas,
Alma das pedras encantadas,
Alma das arvores floridas,
De minh'alma vós sois as noivas bem-amadas!

Almas eternas e amorosas,
Que sois dos mundos a harmonia...
Alma das noites silenciosas,
Alma da sombra e da penumbra, alma do dia!

Estranhas almas palpitantes
De aspirações, de sonhos vagos...
Alma dos fogos crepitantes,
Alma nevoenta de volupia, alma dos lagos...

Oh claro espirito da aurora,
Alma desfeita em claridade!
Alma que soffre, alma que chora,
Alma negra a mudar-se em luz de piedade...

Almas sedentas de perdão,
Almas em lagrimas voando...
Almas a errar na escuridão,
Almas dos poetas, sobre abysmos, soluçando!

Alma sentindo a dor do mundo,
Alma que alcança a luz etherea,
D'onde se vê quanto é profundo
O poço da desgraça, o abysmo da miseria!

Almas dos tristes e opprimidos,
Almas famintas de belleza,
Almas dos tragicos vencidos,
Ermas urnas de dor, sacrarios de tristeza!

Almas gemeas da minha, espiritos de luz,
Terras que semeou o cavador Jesus,
De flores de perdão, piedosas e bemditas...
Almas, pontos de luz, nas trevas infinitas!
Arvores de luar na escuridão plantadas...
Brancas nuvens d'amor, conscientes, emanadas
Do mysterioso e negro mar da Inconsciencia...
Perfumes que exhalou a flor da eterna Essencia,
No tempo indefinido e no infinito espaço
Que Deus, fonte d'amor, estreita n'um abraço...
Almas, vôos de luz cruzando-se nos céos,
Raios aureoraes do sol eterno — Deus!

Almas gemeas da minha, entrae com todo o amor,
Nos negros antros tragicos da Dor!

Almas gemeas da minha, extaticas, beijae
O labio triste, a lagrima que cáe!

Almas gemeas da minha, abri a vossa porta
Á mendiga faminta e quasi morta!

Almas gemeas da minha, erguei as mãos rezando,
Ante o luar que nasce, abençoando...

Almas gemeas da minha, oh, vêde o sol amado
Tombar no poente, á tarde, ensanguentado!

Almas gemeas da minha, oh, vêde a Creatura
Vaguear, chorando, pela noite escura!

Almas gemeas da minha, ouvi as tristes fontes
E os sapos tristes a chorar nos montes!

Almas gemeas da minha, olhae o pobre lyrio,
No frio outomno, roxo de martyrio!

Almas gemeas da minha, olhae os passarinhos,
Contemplando as ruinas de seus ninhos!

Almas gemeas da minha, olhae o soffrimento
Do negro mar, do tempestuoso vento!

Almas gemeas da minha, olhae o homem triste;
Oh vêde, vêde a maior dor que existe!...

Sede fontes de alegria
E sede origens de luz,
Como os peitos de Maria,
Amamentando Jesus!

HUMILDADE

Homens, sêde a Humildade.
E porque? Porque sois a vã fragilidade,
Nuvem que a luz dissolve, de repente...
A forma transitoria, o aspecto contingente...
Não sois mais que um rochedo.
Sois irmãos d'uma nevoa, irmãos d'um arvoredo.
Vosso corpo é formado
De pedra, de metal e d'agua e sol doirado...
E tudo o que pensaes
Vem da pedra que sois, das aguas, dos metaes.
Só na forma difere o sêr humano
Das arvores, da flor, das ondas do Oceano,
Do orvalho que scintila, extatico, ao luar,
Como saudoso olhar...

Homens, se não sois mais que a humilde e ingenua planta,
Que rasteja na sombra e, comovida, canta;
Do que o pó que levanta o vento dos caminhos...
Se não sois mais que a flor e os montes pobresinhos,
Sêde humildes; baixae á vida ingenua e pura
Do lyrio que sorri, da fonte que murmura...

Que no vosso sentir
Haja rosas a abrir.
Em cada vossa ideia, em cada vosso amor,
Haja nuvens a voar e arvoredos em flor!
E em vossa dor christã,
Abra os olhos, sorrindo, a estrella da manhã.
Que na vossa ternura acorde a luz do sol,
E n'ella chore a fonte e cante o rouxinol!
Que em vosso coração enamorado,
Haja aves a voar, como no céo doirado...
E na vossa tristeza irradiante,
O lyrio dê perfume e a cotovia cante!
Em cada peito agreste e pobresinho,
Pouse, como n'um ramo, alegre passarinho.
E em vossos negros olhos anciosos,
Escuros céos brumosos,

Se desenhe o teu Arco a sete côres,
Oh Iris que, ao voar, enches o céo de flores!

Sim, vivei como vive a arvore piedosa.
Dae fructo e flor e sombra rumorosa...
Vivei como uma fonte; as sêdes apagae,
E, como fonte, em nevoa, em sonho voae, voae!
Nunca esqueças, humana creatura,
Que dentro de teu peito a Creação murmura;
Que em tuas veias gira a seiva universal
Que n'um çerebro é dor e flor n'um lindo val...
E em teus saudosos olhos deslumbrados,
É luz d'amor a luz dos astros encantados...
E d'elles têm caido, em lagrima a brilhar,
Desde o homem primeiro, as ondas que ha no mar!
E em tua carne soffredora, afflicta,
Padece toda a terra e o marmor' chora e grita!
E no teu corpo, os rigidos metaes
Fundem-se, como em forno a arder, em tristes ais!
Ai, não te esqueças, não, humana creatura,
De que a tua mais branda desventura
Repercute-se em toda a Natureza...
Um ai faz desmaiar a terra de tristeza!
Um só grito estremece o céo profundo

E uma lagrima triste alaga todo o mundo!
Lembrae-vos de que é feito o vosso fragil sêr
De tudo quanto vê o olhar de Deus viver...
De que sois uma parte dolorida
Da sempiterna Vida...
E assim deveis viver a vida alegre e triste,
Em doce comunhão com tudo quanto existe!...

Sou poeta quando entendo a voz do vento,
Quando em meus olhos brilha a luz do Firmamento!
Quando me vejo mar e subo em nevoa etherea!
Quando me sinto terra esteril e miseria!
Quando vejo que sou irmão da noite escura
E meu sêr se dissolve em pranto de ternura!
Quando me chama irmão a lua piedosa...
Sou poeta quando sinto a voz mysteriosa
Das cousas, a vibrar á flor dos labios meus
E ante mim resplandece a apparição de Deus!
Quando, chamma, crepito e, monte, sonho e scismo,
Quando me sinto espaço azul e negro abysmo,
Quando me sinto areal, floresta, humanidade,
Aza, nevoeiro, dor, amor e claridade!

PIEDADE

Piedade para o pobre que moureja
Á luz do sol ardente,
Quando nem ave canta ou folha rumoreja
E a terra se ergue em poeira encandescente!

Piedade para o negro criminoso
Que não sabe o que faz, como o rochedo e a estrella...
É cruel como o sol é luminoso,
Como Jesus foi bom e como a flor é bella!

Piedade para a triste pobresinha
Que bate á nossa porta,
Vinda de longe a orar, erma e velhinha
E pallida de ver, horror! a noite morta.

Piedade para o rude proletario
Que forja, qual Titan,
Sobre as rochas d'um tragico calvario,
O mundo d'ámanhã!

Piedade para o lobo que devora,
Para a pedra que esmaga;
Para tudo o que soffre, grita e chora,
Na noite imensa que este mundo alaga!

Deus, perdoa a Satan; que esse maldito
E grande desterrado
Do negro Inferno ascenda ao Infinito,
N'uma nuvem d'amor transfigurado!

A Satanaz dá teu perdão eterno.
Roubas a dor ao mundo e dás um anjo aos céos.
É uma nodoa do Azul a escuridão do Inferno,
A sombra de Satan quasi escurece Deus!

ESPERANÇA

Negros antros do Crime,
Só o amor vos redime.
Só o amor vos eleva
Acima d'esta treva!
Oh ermos criminosos,
Oh corações raivosos,
A lagrima que tomba,
Transforma-vos em pomba.
A dor que tudo alegra,
Lava a alma mais negra!
Alma crua das féras,
Oh fogo das crateras,
A mais leve saudade,
Dá-vos suavidade...
Oh profundos abysmos,
Terriveis cataclismos!
Oh tremores de terra,

Nuvens no céo em guerra,
O espaço ensanguentado!
Doidos ventos pregando
Á noite que estremece,
Ante o sol que alvorece,
Como outr'ora Caim,
N'um deserto sem fim,
Ante a face de Deus
Que surgira nos céos!
Tempestades, martyrios...
Loucuras e delirios,
Ha um brando luar
Que vos faz serenar...
Luz d'alma, sentimento
Que faz dormir o vento
E muda a noite escura
Em luar de ternura...

Oh almas desgraçadas
Pelo mundo esmagadas,
Sem piedade nem dó...
Humildes como o pó
Dos extensos caminhos;
Ingenuas como os ninhos,

Bemditas como a aurora
Que sobre os lyrios chora
Quanta lagrima, quanta!
N'um extasi de Santa...
Almas tristes, sem luz,
Vejo Boudha e Jesus
E Santos a expirar
Só para vos salvar!

Corpos acorrentados
Aos montes desolados,
Sereis todos libertos.
Oh alma dos desertos,
Oh alma resequida,
A lympha adormecida
Vossos labios espera...
Sereis a Primavera!

Oh multidão escura,
Na Rua d'Amargura
Tu passas, como o vento...

Vaes ébria de tormento,
Por essa estrada fóra,
Em procura da Aurora!
Desejas anciosa,
A terra explendorosa
De justiça e d'amor
Que fica além da Dor!

ETERNIDADE

Eu, que sou fragil, transitorio e vão,
Que projecto no mundo a sombra d'uma cruz,
Que sou a desventura, a morte, a escuridão,
Sinto brilhar, em mim, a eterna luz!

Eu, que sou a miseria,
A lagrima que tomba desolada,
Conheço bem que existe uma anciedade etherea
Que transfigura minha carne desgraçada!

Eu, que sou a agonia, o tragico estortor,
Barro amassado em agua de tristeza,
Alma diluida em dor,
Ouço nos labios meus a voz que canta e reza!

Eu, que sou a desgraça,
Cinza que soffre e que soluça e chora,
Perfume que se esváe, nuvem que passa,
Sei que em meus olhos fulge a sempiterna aurora!

Meu fragil sêr que se traduz em gritos,
Meu corpo que se apaga, n'um momento,
Lampeja e brilha, como soes afflictos,
N'uma agonia de deslumbramento!

Eu que sou o gemido consciente,
A lagrima que pensa (oh agua virgem!)
O ai que raciocina, o delirio que sente,
A miseria que vê sua divina origem,

Eu, que sou a poeira miseravel
Que ergue o vento da Via Dolorosa,
A extranha dor a nada assemelhavel,
Sinto nascer de mim uma manhã radiosa!

Eu, que sou o final e pallido gemido,
O sangrento suor gelado da agonia,
Sinto meu coração liberto e redimido,
Surgir, ébrio d'amor, á luz do novo Dia!

ULTIMA COMUNHÃO

Olhos errantes e ceguinhos,
Que tropeçaes nas pedras dos caminhos,
Olhos queimados pela dor,
As palpebras abri á luz do amor!

Ouvidos surdos e apagados,
Desertos de silencio magoados,
Escuros soes mortos de dor,
Extaticos, ouvi a voz do amor!

Fossas nasaes agonisantes,
Fundos poços de treva, soluçantes,
Vinde aspirar, fossas de dor,
O perfume ideal que exhala o amor!

Lividas mãos, já cadavericas,
De clara neve, oh petalas chimericas,
Mãos d'agonia, mãos de dor,
N'um gesto ethereo, abençoae o amor!

Boccas famintas, doloridas,
Nos incendios da febre consumidas,
Labios com fel, boccas de dor,
Abri-vos, recebei o pão do amor!

A MORTE

O mundo era uma estrella,
Um dia, se apagou,
Arrefeceu e a treva
Immensa o suffocou!
E n'essa hora de luto,
Horrenda e dolorida,
D'entre as cinzas da Terra,
Ergueu-se a luz da vida!
Quando se apaga um sol,
Mil corações se inflamam...
As estrellas dão luz,
Mas os planetas amam!
E assim a luz do sol
Fallece, n'um desmaio,
Para ser um olhar
Ou linda flor de maio...
Nosso corpo é tambem

Um astro que se apaga;
Um sol que a inundação
Da escuridão alaga,
Para que n'elle surja
A vida consciente,
A existencia absoluta,
A vida omnipotente!
Nasce da noite morta
A viva claridade...
Do que é fragil e vão
Procede a Eternidade.

É preciso que tombe
O nosso corpo em poeira,
Para ser alma e vida
Eterna e verdadeira!
É preciso baixar
Á sepultura horrenda,
Para que a vida nossa,
Em vôos de luz, ascenda
Ás regiões sem fim
Do sempiterno amor!
Homens, é necessario
O ultimo estortor:
Homens, é necessaria

A tragedia sublime
Que o corpo criminoso
E tetrico redime!
Homens, é necessario
O drama da agonia!
Oh morte explendorosa
Aurora, Gloria, Dia!...

UM CANTO NAS TREVAS

Corações prisioneiros,
Oh ermos marinheiros,
Oh tragicos mineiros,
Oh lampadas onde arde a luz da dor,
Vinde, entrae no meu lar, dou-vos o pão do amor!

Oh viuvas lacrimosas,
Oh noites tenebrosas,
Almas desfortunosas,
Sedentas de justiça e de belleza,
Sentae-vos sem receio, é vossa a minha meza!

12

Oh negros degredados,
Oh montes torturados,
Oh ermos condemnados,
Que um fogo occulto e tragico incendeia,
Vinde, que eu vou abrir as portas da cadeia!

Oh tristes opprimidos,
Mundos escurecidos,
Escravos doloridos,
Corpos feitos de treva e d'agonia,
Vinde, sou a esperança, a candida alegria!

Estrellas apagadas,
Almas assassinadas,
Oh mortas alvoradas,
Explendores pregados n'uma cruz,
Ides resuscitar em mim, eu sou a Luz!

O POETA

I

Ninguem contempla as cousas, admirado.
Dir-se-ha que tudo é simples e vulgar.
E se olho a terra, a flor, o céo doirado,
Que infinda comoção me faz sonhar!

É tudo para mim extraordinario.
Uma pedra é phantastica! alto monte,
Terra viva a sangrar como um calvario,
E branco espectro, ao luar, a triste fonte!

É tudo luz e voz; tudo me falla.
Scismo ante o fumo ethereo que se eleva
E o perfume de amor que a flor exhala,
Como o abysmo do mal exhala treva!

Não posso abrir os olhos, sem abrir
Meu coração á dor ou á alegria.
Cada cousa nos sabe transmittir
Uma estranha e chimerica harmonia!

É bem certo que tu, meu coração,
Participas de toda a Natureza.
Ignoras o silencio, a solidão
E a negra noite, plena de tristeza!

As cousas que me cercam, silenciosas,
D'almas sem fim todo o meu sêr saturam.
Quantas vagas palavras mysteriosas
No ar que aspiro, tremulas, murmuram...

Vozes d'encanto vêm aos meus ouvidos,
Beijam meus olhos sombras de mysterio...
Sinto que perco, ás vezes, os sentidos
E que vou a fluctuar n'um rio aereo...

Sinto-me sonho, aspiração, saudade...
E lagrima a voar e alada cruz!
Vejo meu corpo, em chammas d'anciedade,
Abrir-se em aza, erguer-se em vôo de luz!

II

Meu corpo é pão d'amor, oh pobresinhos.
Meu coração é fonte d'alegria.
Vinde beber, vinde beber, ceguinhos,
Mais pura e clara luz que a luz do dia!

Meu corpo é terra: oh tragicas raizes,
Devorae, devorae!
Minh'alma é claro sol, ramos felizes,
Bebei a sua luz, fructificae!

As minhas penas leva, ave inspirada;
Teu casto ninho vae fazer com ellas,
Na arvore abençoada
Que tem por fructo — estrellas.

Sobre o meu coração vinde pousar,
Sem nenhum medo, oh aves que voaes!
Bebei meu sangue, estrellas a brilhar,
Comei meu pão, famintos animaes!

Meu corpo é tronco a arder
N'um santo lar d'amor.
Vossos corpos, oh nus, vinde aquecer,
Enxugae vossas lagrimas de dor!

Sou tunica d'amor, homens gelados.
Oh trevas, vinde a mim; sou claro dia!
Sou perdão; vinde a mim, oh condemnados.
Oh tristes, vinde a mim; sou a alegria!

Meu pranto é doce orvalho, oh murchas flores!
Minh'alma é luar saudoso, oh noite escura!
Sou balsamo suave, oh negras dores,
Oh pedras, vinde a mim; sou a ternura!

Oh arvor's, vinde a mim, sou primavera.
E sou ninho d'amor, aves do ar...
E sou antro d'amor, oh negra fera,
E sou praia d'amor, ondas do mar!

III

Uma febre d'amor
Consome minha vida...
Sou incendio que exhala
Um fumo de ternura.
Meu corpo exhala sonho
E alma comovida,
Como um lyrio perfume e um lago nevoa pura.

O fogo que me abraza
É fogo de paixão.
Meu corpo tomba em cinza
E pó que o vento leva...
E alcança a vida eterna,
Em mystica ascenção,
Tudo o que em mim é dor, fragilidade e treva!

Vejo, sob meus pés,
Estrellas a fulgir...
Vejo mudar-se em luz
D'amor minha penumbra.
Esta carne, que é pó,
Vae outra vez florir,
Uma visão de Deus todo o meu ser deslumbra!

Lá vae meu coração
Chimerico, a sonhar,
Qual infindo murmurio
Ou halito de dor
Ou perfume de lyrio
Ou aza de luar,
Para uma nova vida e para um novo amor!

ULTIMO CANTO

Arvores tristes, aonde o luar neva,
Labios dos vegetaes, abertos n'um queixume,
Olhos de rosas e jasmins, d'onde se eleva,
A dor do perfume,

Descem da luz sagrada
O lyrio Eleito, a arvore Enviada...

Outeiros miseraveis,
Que soffreis na prisão das formas mentirosas;
Negros montes eternos, imutaveis,
Abafados em nuvens tempestuosas,

Das regiões do amor,
Desce o monte Jesus, o monte Salvador.

Rios que caminhaes de cruz ás costas
Para o calvario tragico do mar;
Fontes que soluçaes, orando, de mãos postas,
Ante essa apparição extranha do luar,

Desce das regiões chimericas do Além,
O rio Boudha, a fonte Virgem-Mãe!

Oh animaes ferozes, sanguinarios,
Oh pombas, rouxinoes, oh cordeirinhos,
Bois pastando a scismar nos valles solitarios,
Bramidos de leões e canticos dos ninhos,

Desce do lar sagrado onde crepita o sol,
O leão Propheta, o Santo rouxinol!

Homem triste, onde chora a luz da Vida,
Bruma de sentimento, em lagrimas, tombando,
Almas onde a esperança está perdida,
Bocas negras de fome e corações sangrando,

Desce do Azul fecundo onde germina a luz,
Um novo Jesus.

INDICE

Pag.

Na espiritualidade da alvorada 5
Apollo 9
Cybele 13
As Nymphas 17
Venus 21
Um dialogo 23
Pan 27
Deslumbramento 31
O riso 35
Idyllio 39
Canção 49
Chuva d'oiro 53
Alegria 57
Manhã de maio 61
Morte de Adonis 63
Virgilio 65
Tristeza 67
O céo 71
A fonte 75
O rouxinol 79
Elegia 83
Silencio e solidão 97

	Pag.
O meu semelhante	103
As arvores	109
Os rochedos	113
As estrellas	117
A nevoa	121
As aves	123
Os mendigos	127
Os cavadores	131
O sol e a candeia	139
As féras	143
As creanças pobres	147
As almas	151
Humildade	157
Piedade	161
Esperança	163
Eternidade	167
Ultima comunhão	171
A morte	173
Um canto nas trevas	177
O poeta	179
Ultimo canto	187